

PATO MACHO N.º 5, 12 de MAIO de 1971  
Cr\$ 1,00

# PATO MACHO

## EISA MÚSICA

**POP**

MILES DAVIS  
Veríssimo  
JIMMY HENDRIX  
GEORGE HARRISON  
ROLLING STONES  
JOHN MAYALL  
TRAFFIC  
FREE

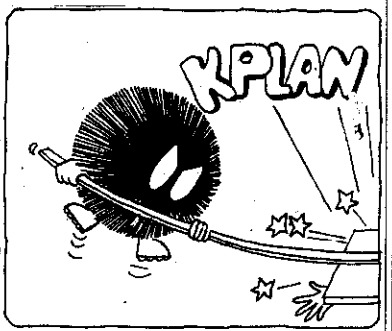
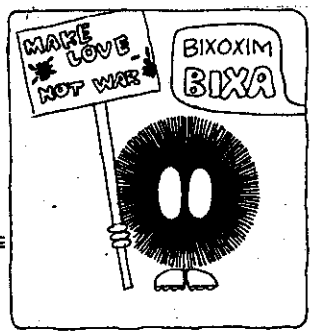
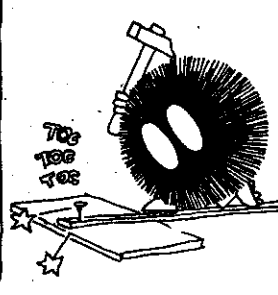
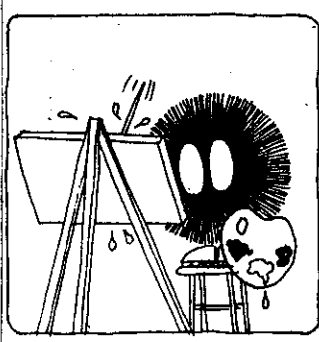
Fotografou: Assis Hoffmann



do da  
los puden  
favor

# O FUTURO. E'?

**BIXOXIM** MAKE LOVE NOT WAR teobusch



NESTE NÚMERO PROCURE NOSSOS DESCLASSIFICADOS

# LUIS FERNANDO VERÍSSIMO

## DAVIS, MILES

A morte do jazz, como a morte de Deus, vem sendo anunciada há algum tempo. A analogia é fértil. Insistir que o jazz está vivo e próspero é um ofício de fé mais do que uma constatação realista. Da mesma maneira, insistir que Deus está vivo e apenas se retirou para uma reavaliação de posições é a expressão de um desejo mais do que de uma verdade. O jazz e Deus sobrevivem na nostalgia dos seus fãs mais persistentes. As provas concretas da sua existência são cada vez mais raras. É preciso ter fé, irmãos.

E no entanto, e no entanto. O jazz sempre foi meio subterrâneo. Eu morei quatro anos nos Estados Unidos, há 200 anos atrás, e nunca — nunca — vi uma apresentação de jazz moderno na televisão de lá. Dixieland, sim, e do mais branco. Armstrong às vezes. Ella Fitzgerald por uma especial deferência. Mas nem Brudeck em toda a sua glória, na época vendendo discos aos milhões, conseguia vasar a indiferença do público "oficial". E a irmandade do jazz era o que mais se aproximava de uma contracultura, naquele tempo. Não é por nada que grande parte do vocabulário

dos hippies de hoje é herança do jargão dos músicos de então. A própria palavra "hippie" vem de "hip", adjetivo, que significava estar por dentro, saber das coisas, etc. Dos mil e um apelidos para a mancha usados hoje, metade vem da época em que só os músicos de jazz tinham intimidade com a erva. Era uma contracultura acomodada, politicamente desinteressada e socialmente inativa. Mas — como dizia aquele narrador dos antigos "shorts" de cinema — foi aí que tudo começou.

A partir da metade, mais ou menos, da década de 50, as seguintes coisas começaram a acontecer, dois pontos. O chamado "rhythm and blues" — uma forma espúria, comercial, dos antigos blues, que, são a base do jazz — outrora confinado exclusivamente ao público negro dos Estados Unidos (que, ao contrário do que se pensa, nunca foi muito do jazz puro), começou a ganhar público entre os brancos. Isto foi pouco depois do aparecimento de Elvis Presley, Bill Haley, etc. Pode-se traçar uma linha genealógica direta entre os primeiros artistas populares negros do "rhythm and blues" e os Beatles e seus

imitadores e continuadores. Muito mais coisas entraram na fórmula que explodiu na música popular norte-americana depois dos Beatles — o "rock" clássico, descendente direto de Presley e Haley; o caipirismo sofisticado de Bob Dylan; o folclore, etc. — mas o elemento propulsor, e sua constante até hoje, é o blues negro. E este, mesmo nas suas formas espúrias, é o equivalente musical desse troço indefinível, hoje em dia tão mal invocado, que se chama "soul". Voltando à analogia: dos componentes da trindade essencial ao jazz — inventiva, técnica, alma — pelo menos este último, o espírito santo, está vivo e atuante na música popular.

No jazz, neste meio tempo, criava-se um subterrâneo dentro do subterrâneo: O vanguardismo musical adquiria conotações políticas e relevância na luta racial, lá deles. Miles Davis começava a se notabilizar pelo seu racismo às avessas antibranco. Quando ninguém ainda sequer sonhava com os Panteras Negras, um músico como Archie Shepp já explicava sua arte em termos de contestação intransigente aos valores "bran-

cos" e citava Mao Tse Tung quase tantas vezes quanto citava Charlie Parkes. O rock — principalmente através da sua participação no movimento pacifista — encampou essa bandeira anti-Establishment e a levou bem mais longe, mas também aí, é bom que se lembre, os primeiros passos couberam ao jazz. A trajetória da conscientização — palavra gastada, mas insubstituível no caso — da contracultura latente desde os primeiros acordes do jazz moderno é fácil de traçar. Primeiro o mundo "normal", da superfície, condenado apenas por ser "quadrado". Depois a relação entre a vanguarda musical negra e o mundo "quadrado" identificada como um dos muitos pontos de atrito entre a revolta negra e o racismo dominante. Finalmente o quadradismo e o racismo do Establishment vistos como manifestações de uma opressão cultural e política bem mais vasta e abrangente. Hoje — isto era inevitável — o jazz é considerado parte do Esta-

lishment pela nova cultura e seus artistas mais consagrados encarados com o mesmo desdém que a nova esquerda reserva para os velhos liberais. Enfim...

Se o jazz estava subentendido, pelo menos em espírito, no rock, hoje começa a acrescentar seu corpo à alma. Confronto com o "Blood, Sweat and Tears" e o "Chicago Transit Authority" revivem os truques do jazz nas suas composições. E o músico que — a força de talento e personalidade — mantém-se na crista da onda jazzística desde os áureos tempos do "bebop" (alguém explique para as crianças o que é isso), de nome Miles Davis, já aderiu à nova vaga. Os dois últimos discos de Davis, "Bitches Brew" e "At the Fillmore" marcam o reencontro apoteótico das duas culturas, com perdão do meio aldobinesco. O ve, fêis. Acredite.

## HARRISON, BEATLE, GEORGE



A revista — «The New Yorker» — é quase geométrica-mente apostado do «Rolling Stone», mas o assunto é o mesmo. A crítica Ellen Willis comenta o disco de ex-Beatle George Harrison, «All Things Must Pass». «Tudo passa — até o mais espetacular fenômeno de cultura de massa da história. Acho que os Beatles, como idéia, começaram a ruir quando George Harrison descobriu a Índia. O misticismismo oriental era a antítese do alegre pragmatismo ocidental dos Beatles e a tentativa do grupo em assimilá-lo, além de produzir música maravilhosa e filosofia barata, parece ter criado uma tensão psíquica coletiva que seria irremediável mesmo se John nunca tivesse casado com Yoko.

«All Things Must Pass» é a tentativa de George de juntar tudo, de fundir o velho «rock and roll» com religião, o conceito oriental de Revelação com os ideais cristãos de paz e a-

mor Phil Spector co-produziu o disco com Harrison e o som em geral é lindo. O senso de grandza que Spector evoca é o «rock» no que ele tem de mais religioso, e a unidade miraculosamente destilada de tanta mistura pode ser descrita como o «rock» no que ele tem de mais oriental. A faixa que melhor realiza essas aspirações ecumênicas é «My Sweet Lord». Esta é, antes de tudo, «rock» que já se impôs da maneira que o «rock» deve se impor, vencendo sozinho, nos parados de sucesso. O ritmo reforça a letra e a convicção de Harrison e tudo se parece com uma assembleia religiosa à antiga. No começo, o câro responde à prece de Harrison com «Aleluia!», mas logo muda para «Hare Krishna» e no fim a invocação de várias divindades hindus se transforma no foco da canção. Parecida em espírito mas menos bem sucedida é «Awaiting on you All», uma mistura frustrada de «rock» e versos supostamente engraçados: «Você não precisa de passaporte, você não precisa de visto, você não precisa designar ou emigrar para poder ver Jesus».

O tema que liga o rock à religião com maior naturalidade é o amor. Muitos, como o «Jefferson Airplane», usaram as convenções da canção de amor popular para sugerir emoções comuns, ou mais sagradas. Harrison consegue isso, com bom efeito, em canções como «Let it Down» e «I Dig Love». Na ênfase que dá ao amor, Harrison, espiritualmente, tem muito em comum com a nova tranquilidade de Bob Dylan, e Dylan está bastante em

evidência no álbum. Esta inclui uma música de Dylan («If Not for You»), uma colaboração com Dylan («I'd Have You Anytime»), uma espécie de versão secular de «My Sweet Lord», sem tanto ritmo e duas canções que são obviamente tributos a Dylan («Apple Scruffs» e «Behind That Locked Door»).

Considerando-se que «All Things Must Pass» consiste quase que inteiramente de propaganda moral e espiritual, o álbum é notavelmente (embora não totalmente) livre da pretensão que marcava a obra recente de Harrison. Para começar, a música é naturalmente Ocidental; a influência hindu foi tranquilamente integrada. Ocasionalmente, Harrison se utiliza da técnica de Dylan (que provavelmente a tomou emprestada de Lennon) de usar imagens pueris para aliviar seus sermões: «O alvorecer não dura toda a manhã, a chuva não dura todo o dia, tudo passa, tudo se vai». Mas, na maioria, as canções funcionam porque Harrison usa seus versos — junto com sua música e com o tom da sua voz — menos para transmitir uma mensagem no sentido intelectual do que para nos instruir num estado de espírito. O melhor exemplo disso é: «Beware of Darkness», a mais fantástica evocação musical de um «bab trip» ou do vale da sombra da morte — ou seja qual for sua metáfora favorita para aquele triste e temível paradoro da mente — que eu já ouvi. «Fique atento, alerta, cuidado com os «swingers» que caem a seu redor. Os pensamentos que permanecem, rodoplando dentro da sua cabeça, a desesperança que o cerca no centro morto da noite».



# PAZOMACHO

DE: o editor  
 PARA: os redatores  
 ASSUNTO: se manquem

Pessoal: Pôrto Alegre é muito mais Pôrto Alegre do que a gente pensava. Tem gente querendo quebrar a nossa cara coletiva. De agora em diante, as únicas pessoas criticáveis e/ou gozáveis neste jornal são Adolf Hitler, Josef Stalin, Nero, Calígula, Átila o Huno (não confundir com o tango, que também é bárbaro), Jack o Estripador, Carlos Imperial, Al Capone (com moderação, pode ter algum parente d'êle por aí) e Isacrecia Borgia. Mais ninguém. Nem o Manoel Pedro. Depois não digam que não foram avisados!

O último disco «legítimo» de Jimi Hendrix (suriram várias gravações clandestinas depois da sua morte) chama-se «The Cry of Love». O que segue são trechos da crítica do disco assinado por Lenny Kaye no jornal «Rolling Stone» de 1º de abril, de 1971.

«The Cry of Love» é um belo, tocante testemunho, uma coda adequada para a carreira de um homem que foi sem dúvida o melhor guitarrista a aparecer na década de 60».



## HENDRIX, JIMI

«Puramente como músico — sem falar na sua graça como intérprete ou na sua importância como o primeiro super-estar do «underground» — Hendrix era estranhamente único num ramo onde tudo se tornava facilmente familiar. Era um artesão de intenso talento, um malabarista no seu instrumento que podia dedilhar frases rápidas num estilo surpreendentemente perfeito, disparando-as de modo a encher todos os vazios de uma música como se tivessem sido especialmente escritas para ela. Mas, mais do que isso, Hendrix era um mestre de efeitos, um guitarrista que usava a eletricidade de uma maneira óbvia, não apenas para criar volume. Pegava seus recursos — o tom abafado, o pedal «wah-wah», etc. — usava como uma série de degraus para criar onda sobre onda de intensa energia, o ambiente sonoro apropriado para as suas cenas de ira e de destruição catártica. Era «rock and roll» ao mesmo tempo em perfeita sintonia com o nosso tempo e muito avançado para ele. De certa maneira, não tenho certeza que nós já o alcançamos».

«Parece que Hendrix encontrou dificuldade em sustentar sua criatividade depois do seu primeiro sucesso. Seu primeiro álbum, «Are You Experienced» chegou mais perto de ser um recado total do que qualquer outro, cada faixa gravada de maneira que a não permitir qualquer desperdício ou superficialidade. Por mais que tentasse, ele nunca mais atingiu essa totalidade. A força que Hendrix demonstrou na estréia permaneceria como credencial para o resto de sua carreira: a sua fantástica capacidade para cons-

truir uma canção, o incongruente elemento lírico de sua música, sua presença magnetizadora, a personalidade dominadora que centralizava a gravação, criando uma imagem de carne e sangue que perdurava por muito tempo depois do disco terminado».

«A questão era, como superar essa impressão inicial? No princípio, parecia que Hendrix tinha sido quase que aprisionado pelo seu público, tolhido pela totalidade daquela primeira gravação, sem espaço para crescer. Nos concertos, ele era ovacionado mesmo por apresentações medíocres e, simplesmente, não tentava se superar. Seus acompanhantes nunca o instigaram a experimentar com novas idéias. Hendrix era um gigante musical que nunca encontrou ninguém exatamente à sua altura. E portanto, como todos os grandes, acabou sozinho».

«Hendrix se formou, musicalmente nos «blues» e «rhythm and blues», onde um músico tem uma estrutura formalizada, estabelecida, dentro de qual funcionar, improvisando como quiser. Hendrix, no entanto, preferiu dar seu recado no campo nascente do

«rock» que, embora fosse igualmente formalizado, trazia consigo uma tradição diferente. No rock você escreve suas próprias canções, e estas nunca podem ser iguais de uma apresentação para outra. Hendrix passou dois anos acompanhando Little Richard, que apresentava as mesmas canções, numa variedade de formas, mas não soube fazer o mesmo sozinho».

«Se «The Cry of Love» tivesse saído enquanto Hendrix ainda vivia, nós provavelmente diríamos que é um bom álbum, compraríamos um milhão de exemplares e pronto. Mas como ele se foi, o disco se torna mais precioso, algo para ser saboreado com vagar. Porque não haverá outros».

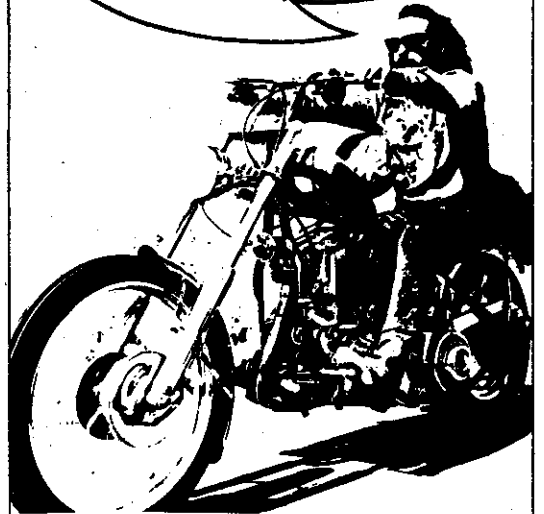
# EXPEDIENTE

Editores  
 — Cláudio A. R. Ferlauto  
 — Col Lopes de Almeida  
 — Luis Fernando Veríssimo  
 Colaboradores  
 — Carlos Nobre, Roberto Pimentel, Renato D'Arrigo, Antonio Aiello, Eloi Terra, Jussara Luz, Charles, o Nobre, Luis Coronel, Assumpção, Harry Sabugosa, Leonid Streliaev, Assis Hoffmann, Luis Carlos Felizardo, Gerson, Joaquim Fonseca, Levitan, Beto Prado, Bixoxim um bixo-muito louco e alguns leitores mais saudazes.  
 Planejamento Gráfico  
 — Signovo Ltda. Comunicação Visual.  
 Artes Gráficas, Desenho Industrial.  
 Impressão  
 — Oficinas da Gaúcha Gráfica Editora Jornalística S/A.  
 Av. Ipiranga, 1075, Fone 23-42-66.  
 Um jornal da  
 — GRAFITTE Editora S/A.  
 Luciana de Abreu, 247 — Pôrto Alegre  
 Diretores: Sérgio A. Rosa e Renato D'Arrigo.  
 Diretor Responsável: Luis Fernando Veríssimo.  
 PUBLICIDADE E CIRCULAÇÃO  
 — Eloi Calente  
 Impacto Representações Ltda.  
 Av. José Bonifácio, 595 —  
 Fone 23-78-50

## ENFIM, UMA DE CRÉDITO NESTE JORNAL!

Crédito Direto ao Consumidor da MAISONNAVE, bicho.

PODE CRER, É FÁCIL PACA COMPRAR AQUELA MOTO E BANCAR O EASY-RIDER. OU ENTRAR NUMA DE CARANGO ENVENENADO. OU UM «BUGY», QUEM SABE? A BOCA É NA MAISONNAVE. O PAPO É CRÉDITO DIRETO AO CONSUMIDOR DA MAISONNAVE. COMPRA A VISTA E PAGA EM ATÉ 24 MESES. DOIS ANOS! MOLEZA, HEIN?



**Maisonnavé s.a.**  
 Crédito, Financiamento e Investimentos  
 RUA DOS ANDRADAS, 1432

# STONES

Alan Beckett, autor deste ensaio, escreveu sobre jazz e música popular na «New Left Review» (Revista da Nova Esquerda). Tem 34 anos e faz aqui o que eu chamaria de «primeira abordagem convincente sobre os Rolling Stones», comentando devidamente suas principais canções e letras e tentando, inclusive, abalar a tradicional imagem de superioridade que os Beatles, mesmo separados, parecem até hoje manter em relação a eles. (VANDERLEI CUNHA).

O grupo tomou seu nome da gravação Rolling Stones Blues, de Muddy Waters. Seu estilo inicial inspirou-se num amplo espectro da música popular negra dos Estados Unidos, incluindo tanto o rhythm-and-blues — desde Muddy Waters, Howling Wolf, Chuck Berry, Bo Diddley e Rufus Thomas — como a soul music, desde Ray Charles até os ritmos de Tamia Motown. No começo, o único grupo branco que influíu sobre eles foi o dos Crickets, que se aproximava mais ao rhythm-and-blues que a maior parte dos outros grupos brancos. Viajasse na crista do boom do rhythm-and-blues na entrada da década dos sessenta, nunca se identificaram completamente com o purismo dos blues. Mick Jagger não tentou introduzir o estilo negro em sua maneira de cantar, nem tampouco o conjunto preferiu ser uma reprodução exata do som clássico do rhythm-and-blues. Em lugar disso, recorreram a simplificações, algumas vezes, evidentemente, por causa de deficiências técnicas.

Parte de seus primeiros trabalhos — os números de Chuck Berry, por exemplo — é agradável, embora nada notável. Parte revela-se extremamente ruim se comparada com o original. Assim, I Just Want to Make Love to You (Só quero fazer-te amor) é frenético mas não conserva nada da potência e da dignidade do original, enquanto que no estilo de Bo Diddley, pertencente ao mesmo disco, está adornado com excesso e contradição intelectual e simplicidade e a naturalidade da música deste.

Um dos maiores achados da produção inicial dos Stones teve lugar quando eles se aproximaram mais a soul music, na qual a função do cantor é mais dinâmica, pois ele deve improvisar para incrementar e diminuir o nível de excitação através da variação dinâmica, da fragmentação e, da reconstrução do verso e de outros meios. (Naturalmente que este processo é espontâneo e depende, em alto grau, de resposta imediata do público e do resto do grupo, e toda análise que sobre ele se pretendesse fazer resultaria pedante). De ma-

neira bastante oportuna, Mick Jagger desenvolveu esse estilo até alcançar um nível de qualidade singular, tanto que se converteu no maior artista oriundo da música popular inglesa. Seu estilo é rítmicamente fluido e gracioso, como também cheio de vigor; sempre é normal e jamais parece histriônico ou magnético. Os melhores momentos do talento de Jagger, registrados em sua plenitude, são Everybody Needs Somebody To Love (Todo mundo precisa de alguém para amar) e Going Home (indo para casa). Nesta última, controlou algumas formas melódicas e rítmicas particularmente surpreendentes; escute-as, por exemplo como ele emite, It won't be long... it won't be a long long time till y see my baby (não passará muito tempo... não passará muito tempo até que eu reveja minha garôta). Mesmo em números menos discursivos, é o desempenho de Jagger que provoca a maior parte do impacto produzido. A este respeito, a música de Jagger é superior à de muitos dos artistas negros que os próprios Stones têm admirado. A versão que o falecido Otis Redding fez para Satisfaction mostra-se frenética e sumamente estilizada quando comparada à original. Wilson Pickett, cujo Midnight Hour foi considerado por Jagger como «o melhor disco de 1965», é um artista muito mais limitado e mecânico. O interessante é que, de certa maneira, os Stones chegaram a influir sobre as tradições que no princípio haviam influído sobre eles. Os grupos soul norte-americanos tocam e gravam suas composições e, embora não haja provas registradas disso, é provável que sua influência se estenda até os círculos do rhythm-and-blues.

Mais recentemente, afastaram-se destas fontes e aproximaram-se ao centro da música pop contemporânea. Nesta, jamais foram inovadores de primeira linha (num nível técnico), nem sequer no sentido restringido do termo aplicável a essa espécie de música. Os Beatles levaram, pelo menos, um elefê de vantagem sobre eles, que recolheram sua influência e a de outros, como, por exemplo, os elementos de dixieland e vaudeville discerníveis em Between the Buttons, até alcançarem um estilo basicamente simples. Seus recursos instrumentais se incrementam continuamente, embora tenham abandonado os ornamentos específicos da soul music e do rhythm-and-blues, e mantêm o espírito essencial destas influências recorrendo a ritmos, padrões e acordes convencionais. Ao lado disso, preservam a função fundamental da música popular — uma coisa dançável — e não há, provavelmente, um outro grupo que faça isso tão bem. Estes raios de seu estilo não se limitam de nenhum modo à sua gravação musical. A cuidada instrumentação procura o apoio exatamente adequado à letra. (Em determinadas ocasiões, esse "apoio" soa tão alto que obscurece a letra, mas isto não é um erro, como não é também um erro o fato de Art Blakey obscurecer, às vezes, com seus tambores, o tema melódico fundamental de uma canção.)

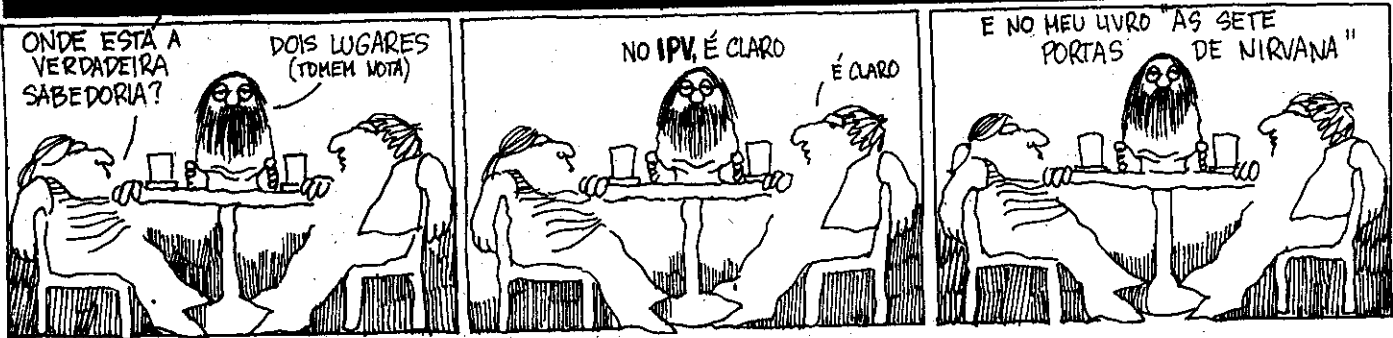
A medida que foram aperfeiçoando seu estilo, os Stones incluíram cada vez mais abundante material próprio em seus registros fonográficos, e os últimos três álbuns se constituem exclusivamente de criações do grupo. As composições são habitualmente atribuídas a Jagger & Richard, e não parece haver jeito de descobrir-se a quem realmente cabe a maior responsabilidade dessa tarefa. Sem dúvida, suas letras são de uma vigor e de uma originalidade consideráveis. Sua principal função consiste em incrementar o realismo da música. A música dos Stones se relaciona estreitamente com a vida social da década dos sessenta e mais espe-



cificamente com a vida londrina. Embora a música, por certo, possua referências gerais, parece provável que sua inteira gravação só possa ser captada por quem tenha experiência do meio metropolitano. Considera-se, por exemplo, a garôta arquetípica que se descreve pela primeira vez em Play with Fire (Joga com fogo) e subsequentemente em 19th Nervous Breakdowns (Colapso Nervoso nº 19) e em outras: rica, malcriada, confusa, débil, chegada às drogas, etc... Todo aquele que tenha circulado por Chelsea e Kensington pode colocar um nome nesta personagem; certamente isso não terá grande significação para outra pessoa. Por outro lado, a voz de Jagger revela origens londrinas e, ao mesmo tempo, calpiras, de modo que algumas vezes a música parece relacionar-se com o music-hall londrino, com seus matizes burlescos e também com as fontes anteriormente analisadas. De onde provém, por exemplo, a exclamação "oi" que se escuta ao final de Mother's Little Helper (O pequeno ajudante de mãe)?

O narcisismo e a arrogância, destacados concisamente em "Get Out Off my Cloud" (Cala fora de minha nuvem), constítuem o código de maior parte das letras dos Stones. Em sua maioria, essas canções se referem ao narcisismo e à arrogância em relações heterossexuais. Temos por exemplo, "Cool, Calm and Collected" (Frio, calmo e repôsto), uma tentativa de sedução sumamente agressiva e abusiva. Em "Under My Thumb" (Sob meu polegar), temos a expressão de um total triunfo sobre o controle da amante. A música dá relevo à letra com particular felicidade. O ritmo sugere o pisotear; porém, a utilização da marimba o torna mais delicado e sugere que na ante-sala da relação entre duas pessoas podem acontecer coisas totalmente distintas e que o júbilo é, em realidade, furtivo

Há também as canções que expressam rechaço. A letra de "Yesterday's Papers" é, sem dúvida, uma das mais notáveis já



ROLLING STONES



garotas com seus vestidos de verão/ Tenho que sacudir a cabeça até que as trevas se dissipem/ Vejo uma porta vermelha e queria que ele fosse preto/ Basta de cores, eu quero tudo preto...

feitas pelos Stones: "Who wants yesterday's papers/ Who wants yesterday's girl/ Who wants yesterday's papers/ Nobody in the world." (Quem quer os jornais de ontem/ Quem quer a garota de ontem/ Quem quer os jornais de ontem/ Ninguém no mundo.)

Em certos aspectos, estas duas canções constituem a música mais elaborada que os Stones já fizeram até hoje, graças a perfeita relação entre conteúdo e apresentação e à autocrítica presente.

A paranoia e o sentimento de perseguição que forçosamente têm que integrar parte desta estrutura narcisista, destacam-se claramente em "Please Go Home". Em "2.000 Light Years From Home" (A 2.000 anos-luz de casa), existe certa consciência de solidão/ exclusão que acompanha o narcisismo, mas o distanciamento é idealizado e sedutor. Esta é, talvez, a mais insinuante música dos Stones. As canções que tratam de sentimentos negativos em direção ao "eu" são relativamente raras na obra do grupo; sem dúvida, uma das mais tocantes canções é "Paint it Black" (Pinte-o de preto), que descreve uma depressão mesclada com celos, a fúria provocada por um recheço: "I see the girls walk by dressed in their summer clothes/ I have to turn my head until my dark eyes goe/ I see a red door and I want it painted black/ No colours any more I want them all turned black..." (Observo as

O tema de "Lady Jane" é o mesmo. Mas, neste caso, o método é diferente. Enquanto que na maior parte de suas canções não se tenta dissimular a ferocidade imperante, nesta o tema segue sendo "I'm Going to Make it with Someone Else" (Vou fazê-lo com alguma outra...). "Backstreet Girl" também funciona no mesmo esquema e descreve um novo ângulo do narcisismo, o de converter a parceira em objeto, algo para ser usado e só: "I don't want to be high/ I don't want you to be down/ Don't want to tell you no lie/ Just want you to be around./ Please come right up to my ear/ You will be able to hear what I say/ Don't want you part of my world/ Just you be my backstreet girl." (Não quero que te animas/ Não quero que te deprimas/ Não quero dizer mentiras/ Só quero que fiques perto/ Por favor, chega no meu ouvido/ E poderás escutar o que digo/ Não quero que sejas parte do meu mundo/

Só quero que sejas minha companheira de alcôva.)

Quase toda a obra dos Stones compartilha estas características gerais. Nos círculos intelectuais, a moda hoje é a depreciação do conjunto por ele "carecer de originalidade", "ser hedonista e fundamentalmente reacionário mesmo quando parece revolucionário"; essas acusações tentam realçar a diferença que os Stones teriam em relação a outros conjuntos e, em particular, aos Beatles, cuja música é considerada original, madura, séria e reflexiva. É de todo impossível aceitar essa valorização. No que diz respeito à originalidade, observe-se que embora os Stones não sejam inovadores de grande importância, sua música representa um construtivo progresso à tradição da qual surgiu. Existe uma clara sintonia entre a honestidade e o imediatismo de sua música e a suposta honestidade de suas fontes. De modo algum a música dos Stones pode ser considerada como "uma diluição destas fontes", mas sim uma realização superior de tudo o que de bom há nas mesmas. Tampouco têm fundamento as acusações de imaturidade e hedonismo irreflexivo. A arrogância e a bru-

talhoada do conteúdo constituem um ataque perfeitamente justificável e certo aos clichês amoroza da música popular e também aos clichês que inundam a cabeça de muita gente. Independentemente do tipo de música. E o que é mais importante, não resta dúvida que a completa e imediata identificação com estes aspectos, manifestados na música dos Stones, pode ter sobre o indivíduo um efeito de liberação intensamente construtivo.

A comparação dos Rolling Stones com os Beatles não daria bom resultado. Poderíamos dizer que a obra dos Beatles possui uma apreciação mais madura e inteligente do próximo e que sua intenção é mais reparadora. Veja-se, por exemplo, "She's Leaving Home" e "We Can Work It Out". Poderíamos afirmar também que inúmeras outras canções dos Beatles celebram o objetivo da união interpessoal. Em certa medida, isso é verdadeiro. Os Stones aproximam-se dessa peculiaridade em "Let's Spend the Night Together" (Passemos juntos a noite). Em "She's a Rainbow" (Ela é um arco-íris), que parece conter um alto grau de consciência do próximo, a garota é tão ideal que se torna irreal. "Lovely Rita", dos Beatles,

contém uma consciência muito mais realista e madura. No entanto, o perigo de determinadas obras — como boa parte das composições dos Beatles — é a tendência à negação maníaca de que existem dificuldades nas relações humanas e a afirmação de que tudo pode ser obtido imediata e magicamente. Em seus temas, tipicamente arrogantes e narcisistas, os Stones conseguem fazer uma crítica a esta espécie de fácil intimidade crítica que os Beatles jamais obtiveram. Por essas minúcias, os Stones irritam um bocado de gente. E é provavelmente em virtude disso que enfrentaram tantos inconvenientes ao longo de sua carreira.

O estilo e o conteúdo de sua música permaneceram por muito tempo os mesmos, sem alterações de peso. "Between the Buttons" é, com toda a certeza, o seu melhor álbum, pois ao incorporar diversas influências evita essas monotonias que é, talvez, o defeito mais grave do conjunto. (Isto se evidencia ao máximo no álbum "High Tide and Green Grass"). O álbum posterior, "Their Satanic Majesties Request", é uma produção ambígua. Nela se refletem os mais importantes passos alcançados em 1967 na música pop: os "Mothers of Invention", "On with the Show" — (Que siga o espetáculo); os temas de ficção-científica dos Byrds ("2000 Light Years from Home") e os "Human Bees" e os "Heavy Metal Kids" (as largas passagens instrumentais). Particularmente, é claro, é exibida a gritante influência do Sargento Pepper, lançado pouco antes. Em certos aspectos, porém, o disco representa ser um progresso para os Stones. Quanto à orquestração, é o mais elaborado de todos e o estilo de composição adquire maior complexidade (o uso de dois tempos na mesma música, etc.). Algumas canções são eficazes continuações de temas típicos; em especial "On with the Show", uma arrogante degradação do gozo paternal, e "2000 Man", retrato da alienação da realidade psicobiológica. Esta última pode ser comparada com o "Nowhere Man" (Homem de nenhuma parte) dos Beatles, e a comparação demonstra a maior força crítica da obra dos Stones.



# PATOTIME

**Nova Iorque: Ju avança como crítico de música. «Brazilians: no need to imitate! The world is slowly recognizing You!!!»**

Hoy Beto. Já escrevi muitas cartas, mas rasguei-as. Tem tanta coisa pra escrever e ao mesmo tempo nada para comunicar. Realmente não entrei em detalhes sobre a minha vida atual em Nova York. HA-HA-HAM (sorte). Não mudei muito à respeito de minha relação a grupos de gente. Prefiro estar em meu quarto, só, criando estórias que não posso, ilustrar, e certas vezes nem escrever.

**De repente me acordo numa manhã (às vezes depois de não falar por dias e sem sair), só cantando e pulando. Falo espontaneamente sobre qualquer coisa — há gente passando — e parece que não existe barreira — a única é óbvia que sou eu mesma. E assim fico uma semana em casa e outra queimando tôdas as energias que devia ter queimado antes. Exagero tanto que no outro dia nunca posso ser a mesma: fico exausta!**

Conheci um cara chamado John que me cativou (foi uma paixão passageira), talvez porque quando o vi na rua julguei que fosse Keith Richard dos Rolling Stones. Essa paixão platônica (de minha parte) foi mais por influência dos Stones, que representam tremenda loucura, muita atividade, liberdade e \$\$\$\$. A relação foi bem absorvida. É bom saber o que toca na cuca de outros loucos que estão patando e andando se o mundo está em chamas ou não. Desde que não queime seus belos traseiros, tá tudo legal. Simplemente não consigo aceitar es-



**See John Mayall at Fillmore East April 16th & 17th**

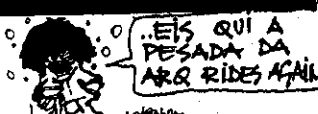
ta filosofia de vida, talvez por ser insegura e também sensível ao extremo.

Beto, desculpe, estou bombardeada. Cheguei agora do PHILMORE EAST, onde era um velho cinema, onde agora dão concertos de conjuntos de música pop com exceção dos Stones, pois claro é que precisam de mais espaço, um stadium seria o mais apropriado... O cara que vi é muito legal, chama-se John Mayall, canta folk-music. Eu não estava com grande entusiasmo pois suas novas canções são sobre «poluição» (até a revista do SUPERMAN é sobre Ecology), e sobre a extinção de animais e plantas.

Bom, voltando ao concerto, num estímulo pras cucas, a massa é bem mais perceptiva e absorve a música com mais intensidade; cria mais, tem mais apreciação. Mayall realmente me surpreendeu, começando com «blues». Sua música é mais instrumental, os caras fizeram «o-show», especialmente o violinista. Muito bem tocado. E é claro que não vamos esquecer Mayall com sua gaitinha de bôca, com a qual deu aos ouvintes a vibração intencionada...

Achei também a projeção de cores (sobre tela panorâmica) muito bem arranjada e muito interessante.

## O BETO PRADO



**Virabosta**, que excelente nome underground. De baixa definição gráfica, utilizando recursos de reduzido alcance. Mas que resultado fenomenal! O Nilo LoPumo, já disse que quer comprar um exemplar. (Mas ninguém sabe onde encontrá-lo). O Virabosta é muito mais subterrâneo que o Pato, que A Grilua, que o Diário de Notícias, mas tem um pecado. — Não vou falar dele porque estamos proibidos de pixar coisas da província. Mas dou uma pista: o editorial de vocês está na linguagem do Correio do Povo... não precisava. Eu acho que vocês são os caras mais vivos da província, que estão de cuca a casa 24h por 24h, mas aquele «editorial»... deus me acuda. É melhor fazer o que se sabe (agir, desenhar, imprimir) do que tentar tirar uma letra de filósofo (isto existe ainda?) ou de guru das pampas. Acho que tem dedo da Macaca nisso. Azar de vocês. Olha aí a amostra: «as disputas entre os impérios do leste e oeste não constituem nossa luta... é preciso criar um, dois, muitos amanhêceras... busquemos o equilíbrio do amor... sensibiliza e desenvolve os dotes adormecidos... Ora! isso eu já ouvi na última campanha da fraternidade. Não há de ser nada: o resto é sensacional. (CF).

Esses concertos duram 1 hora e mais ou menos 10 minutos. Este é realmente um dos únicos lugares que vale à pena ir. Tudo parece em harmonia já que todo o pessoal tem o mesmo interesse: ouvir «good music». Agora em maio vou ver FREE, ingleses, um dos únicos grupos atuais que conseguiram levantar e andar.

Andei pensando muito no que vou poder mandar para o PATO MACHO, pois meus desenhos talvez nem ganhem medalha de «amateur». Minhas antenas do mundo de NY (ou qualquer outra cidade) andam bem enferrujadas, mas... darei um jeitinho AH. É, escrevi uma estorinha de um pássaro preto que gostaria de se integrar com a galinhada branca que vive no mesmo sítio. Nos seus pensamentos ele está bolando desfrutar de uma amizade com seus vizinhos, mas as galinhas não querem saber do pássaro preto. Depois que a tentativa fracassou é que a aventura do obstinado pássaro ganha força, e à sua maneira começa uma revolução passiva. Uffffff.

**PS / Vejo sempre um cara superparecido contigo trabalhando (fumando, ouvindo música e comendo balas) no Philmore, é só um pouco mais alto. O cara deve pensar que sou meio taradinha, só preciso de uns binóculos para completar as sacadas.**

**PS 2º / Sobre Edu Lôbo e outro bolhinha: estão ficando bem populares aqui com «o» sambinha. Fiquei vibrando. Samba tem tremendo Soul, creio que o efeito é o mesmo com a música americana no Brasil. BRAZILIANS: NO NEED TO IMITATE! THE WORLD IS SLOWLY RECOGNIZING YOU!!! The End. Ju.**

## MICK & KEITH RICHARD

Na Dinamarca os Stones concederam uma entrevista à imprensa, que durou apenas 15 minutos. «Perguntas bestas», disse Mick, acrescentando: «quero ir embora daqui». A imprensa apenas conseguiu elaborar 4 questões:

— Você gosta de Simon e Garfunkel?  
Mick: Oh, come on! (Qual que é!)

— Quem é atualmente a maior figura do show biz?  
Keith Richard: Shirley Bassey.

— Jagger, você está satisfeito com sua participação em «Ned Kelley»?  
Mick: não é digno de ser visto.

— Sua opinião sobre drogas?  
Mick: Oh! volte aqui outro dia!

Antes da abertura do concerto, Mick falou a um repórter: «nós não estamos fazendo qualquer dinheiro nesta viagem. Ela foi programada somente como um gesto cordial para com nossos fãs europeus. O contato com o público nos faz felizes. Não há nada que substitua isto. (Revista Rolling Stones, 1º de abril).

## VIRABOSTA

Meus amigos, VIRABOSTA é quente, mas não esqueçam de colocar a matéria (de revista, é claro) a seu serviço e não entrem em lances como: «É preciso criar um, dois, muitos amanhêceras», que essa todo mundo já viu de Topaka em algum lugar. AUGUSTO PORTUGAL.

A LINDA JU  
DE NOVA IORQUE  
PARA O BETO PRADO



JUJU Monster tentando ser sexy.  
Esse vestido me custou \$0,25, preço de chíceta.  
Nova York.

## NY

Cheguei agora de um passelo ao redor da quadra. Está pintando a coleção, uffffff!! Uma porcaria... Vou ao museu todos os domingos pra isso. LUY THE LON está ouvindo marchas brasileiras que encomendou daí. Só se ouve isso agora. HAI HAI, mas tenho meus EAR PHONES...

Ando fazendo nada. A turma aqui vai pra Europa/England, onde pretendem lançar um álbum (pintura). Foi a um concerto ver TRAFFIC, são «terríficos» um mês atrás, notícia velha). Quería tirar «photos» de PHILMORE EAST onde muitos grupos tocam, mas luy não confia em mim com suas câmeras. HAI

Hoje recebi minha nota em perspectiva — 65 —, a pior da classe. Meu professor (um terrível louco) me consola dizendo que, a razão porque não consigo desenhar linhas é porque nasci para o ESTYLO surrealístico, está no meu sangue, como «fungus». HEE.HEE.

**TRABALHO:** cuidado se 4 diabinhos na minha rua. Um deles, Steven/2 anos, tem a mania de rolar de cima da escada, 15 degraus e se fingir de morto. Quando chego perto, levanta a cabeça apontando o dedo da água to 2m e dá uma gargalhada. MIAGRECI. Recebeste meu cartão? LOVE JU.

**PS/Curta:** foi mais pra dizer que odoro receber notícias tuas e a revista. Que quer dizer Gilus? algo simbólico ou somente uma palavra?

teplanto
COLABORADOR
JFTE

O SÓCIO DE MUITO É O SÓCIO QUE PROMETE O GON

AS LOJAS COMEÇAM A SE ABER, AFETAR DO OUTRO DIA, HA DE SER VOCE HOJA CLAPA CRITA LUYA. TA SER CONSTRANGE DO. LAZER WOLNER-FUL, KATY O ROBER-FRINKES. ELES BEM PODIM DEGRABIR QUE SI SE JOE WERSON, ALGUMA COISA NOVA, SEMPRE SAZE QUANDO É QUE SI ME NUNTO. NUNCA: BAD TRIP OVAHO ENSSIM: PRA VIVER DUNO A GENTE QUERIMAS ATEJAR DO SEUAR MAQUIAVELICO AMNHA E OUTRO DA

quim sacari? luy

ALUSAR COMUM

RENDOVIM

ESTYLO

RAHYOJO

NOSSA PROXIMA

ESTYLO

TRABALHO

PS/CURTA

SOFTI

BELO FÉ SEGURO O PROVINCIANO

LOGO AÇARA, QUE DROGA?

AMORADO DO DEDO DE SANDRA

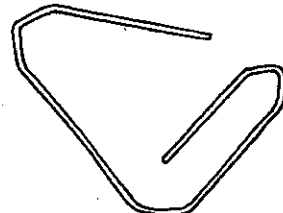
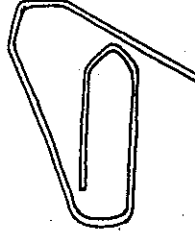
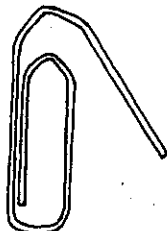
A desculpa era aquela mace-  
te de pintar bizontes. Mas, na  
verdade, os pré-históricos de  
Altamira aproveitavam os ócios  
cavernais para jogar suas bu-  
zinas, longe dos olhares re-  
provadores dos não-iniciados  
(até hoje os não-iniciados ainda  
cismam com os jogadores de  
buza).

Na mitologia contemporânea  
temos Adão, Noé e José (o do  
Egito; não confundir com o da  
Maria). Três exímios buzaístas.  
O primeiro jogou a buza-pa-  
ciência, sózinho, nos ociosos  
embalos da tranquilidade edê-  
nica (antes de Eva). Com o a-  
vento da mulher, iniciou-se a  
fase da parceria, persuasiva-  
mente bagunçada pela maçã da  
não menos buzaísta serpente. O  
segundo, Noé, durante 40 dias  
e 40 noites permaneceu buzando  
na sua arca, cercado de ani-  
mais por todos os lados, pro-  
curando «fazer nada» da me-  
lhor maneira possível. Era a  
buza elevada ao paroxismo! Di-  
fícil encontrar, na história ou  
na mitologia, outro exemplo de  
tão grande fôlego. Noé foi um  
campeão, apesar do seu empi-  
rismo. O terceiro, José (o do  
Egito), era um buzaísta de tais  
méritos, que seus irmãos não  
tiveram dúvida em vender seu  
passo ao Faraó. E José ficou no  
Egito, buzando com a mulher  
de Putifar e interpretando so-  
nhos. Foi o primeiro profes-  
sional da buza.

Mas voltemos a Noé. Uma  
vez cessado o dilúvio, Noé tra-  
tou de transmitir aos seus (a-  
nimaís e outros), a valiosa ex-  
periência buzaísta adquirida.  
Dos animais, a coruja foi quem  
mais prontamente assimilou o  
espírito da buza. Joga, até hoje,  
irrepreensivelmente.

Os outros, porém, pouco su-  
tis, não entenderam bem o ma-  
cête. Tanto não entenderam,  
que inventaram, em seguida, a  
Torre de Babel. Era a neces-  
sidade de arranjar um pretexto.  
Mesmo assim, laborando em  
erro, chegaram a tal ponto de  
perfeição que conseguiram ter-  
minar a partida em vários idio-  
mas (alguns até mesmo desco-  
nhcidos de todos). Os jogado-  
res, porém, eram muito primá-  
rios. Ainda se preocupavam em  
arranjar desculpas e pretextos.  
Além disso, como Noé, jogavam  
de orelhada, na base do «bô-  
metro». Faltava-lhes um mé-  
todo.

E assim, consuetudináriamen-  
te, a buza vai atravessando os



## rádio continental 1120 khz o som nosso de cada dia



# ELOI TERRA BUZA

da teorização. E, enquanto os  
gregos buzavam softlmas, os  
romanos (pouco sutis) cismavam  
com a conquista da Grécia. E a  
conquistaram! Mas, a princípio,  
não compreenderam bem a es-  
pécie de jogo a que os gregos  
se dedicavam com tanta perfei-  
ção. Entretanto, heleno vai,  
heleno vem, os durões roma-  
nos terminaram descobrindo a  
buza. E gostaram. E tanto gos-  
taram que começaram, logo, a  
importar filósofos gregos (técni-  
cos em buza). E os Yustrichs e  
os Daltrcs se tornam o centro  
dos ócios romanos. Por isso os  
romanos acabam confundindo o  
salutar joguinho com o deslava-  
do ócio. Erro inqualificável, que  
muito contribuiria para a de-  
gradação da buza nos próximos  
séculos.

atuais, a buza tem encontra-  
do pouco desenvolvimento me-  
tódico e, justo por isso, a sua  
prática é, amíúde, confundida  
com o ócio, a malandragem e  
demais milongas doentamente  
forçadas pelos inimigos da de-  
mocracia. Além disso, a iniciado  
de «ouvindo» sentia-se na obri-  
gação de arranjar desculpas e  
pretextos toda vez que se via  
atraído pelo sabor das condon-  
gas do joguinho. Como vemos,  
necessariamente se fazia a me-  
todização da buza; sua teori-  
zação com embasamento cien-  
tífico. Assim foi que, em 1961,  
surgiu em Pórtio Alegre um se-  
quaz disposto a metodizar os  
empíricos princípios buzaístas;  
um filósofo sutil, um pensador.  
(Sequaz é o primeiro grau de

E assim, sem embasamento  
teórico suficiente, e desvirtuada  
nos seus fundamentos, a buza  
atinge a Idade Média. E atinge  
bem! Pois, nos medievos tem-  
pos não se fazia outra coisa...  
a buza dominava a feudalidade.  
Porém, como a escassa teoria  
houvesse partido de errada pre-  
missa; errada, é claro, a buza  
chegou aos medievos. Era a glo-  
rificação do ócio. Um caminho  
de erro, como se vê. Pois buza  
não é ócio, como mais adiante  
terei oportunidade de demon-  
strar. Apercebendo-se disso, em  
tempo, resolveram arrearlar ca-  
minho e se embrenharam nas  
Cruzadas e na Santa Inquisi-  
ção. Erro, novamente, uma vez  
que a violência contradiz a pró-  
pria natureza pacifista do bu-  
zalismo.

Mas a Idade Média terminou  
sucumbindo no seu próprio obs-  
curantismo. E veio a Renascen-  
ça. E com a Renascença a buza  
começa a ganhar contornos  
mais definidos. E a definição  
contornal é tamanha que os bu-  
zaístas chegam à perfeição de  
inventar a figura do Mecenas;  
era a tranquilidade para o a-  
prazível joguinho, sem os es-  
púrios pensamentos laboristas.  
Buza daqui, buza dali, e os por-  
tuguêses e espanhóis inventam  
o macête das descobertas ma-  
rítimas. A buza foi trazida ao  
Nôvo Mundo. Aquí, porém, os  
aborígenes já a praticavam. Es-  
tão aí, pra confirmar, os rela-  
tos de Pero Vaz de Caminha  
(grande campeão), quando se  
refere aos gentios que se aglo-  
meravam nas praias à espera  
das caravelas, precoce ajunta-  
mento ao redor de camelôs. Assi-  
m, na prática, os renascentis-  
tas muito contribuíram para o  
desenvolvimento e a expansão  
da buza. Mas, no campo teórico,  
nada mais tinha sido feito de-  
pois das primeiras tentativas  
dos egípcios e dos sofistas gre-  
gos. O pouco know how desen-  
volvido, perdeu-se nas veredas  
do erro trilhadas pelos medie-  
vos senhores feudais.

Desde aqueles primitivos jo-  
gadores teóricos até os tempos

Iniciação buzaísta. Depois vem  
o Acólito, depois o Bode, de-  
pois o Cavalal — o Fernando  
Westphalen é Cavalal. Munido  
de larga experiência empírica,  
colhida ao sabor de buzaísticos  
contágios, o Sequaz Peludo (tal  
ainda é o seu nome), lança-se  
em campo, com o objetivo de  
reabilitar histórico, filosófico,  
teórico e praticamente o tal mal  
compreendido esbonja-tempo.  
Já de saída Peludo estabelece  
o princípio fundamental do bu-  
zalismo: «o importante não é  
«fazer nada»; o importante é  
SABER COMO «fazer nada».

Pois bem... surgia, então, u-  
ma base científica. E o negócio  
era buzard sobre eles, desen-  
volvendo, através da observa-  
ção dos casos práticos, a teoria  
metodizadora. Antes, po-  
rém, de entrarmos em tais ca-  
sos, cabe uma advertência. Há  
formas de buza que, na rea-  
lidade, são torpes deforma-  
ções do milenar joguinho. Te-  
mos, por exemplo a deforma-  
ção burguesa da buza, que se  
estereotipa (e como!) nas reu-  
niões rotárias, leonísticas e ju-  
nioristas. Temos, ainda, o gol-  
fe, uma forma sofisticada de  
buza... complicada, cansativa e  
trabalhosa. Por outro lado, há  
a yoga, deformação oriental,  
que procura, através de exte-  
riorizações, levar o corpo à i-  
mobilidade funcional. Das de-  
formações, é a que mais se a-  
proxima da verdadeira nature-  
za da buza, quando combinada

com o Budismo.

Vamos, agora, aos prometi-  
dos casos práticos. Em caso,  
por exemplo, a televisão muito  
tem contribuído para a buza  
familiar. O Sequaz (ou Acólito,  
ou Bode, ou Cavalal) liga o a-  
parelho enche um copo com  
cerveja, senta-se e deixa que  
o aparelho se licioize a si pró-  
prio com suas próprias imagens  
e os seus próprios sons. Não  
deve ater-se ao que a televi-  
são lhe mostra e lhe fala. Se  
houver mais de uma pessoa na  
sala, é recomendável conversar,  
de preferência sobre assuntos  
que conduzam a nada, tais co-



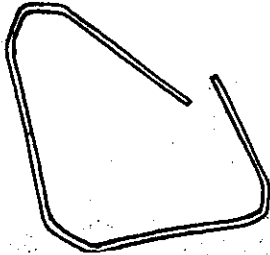
# LUIZ CORONEL

## CASO DE HORROR NAS

### COXILHAS OU DAS MALSINADAS

#### MEMÓRIAS DO ESTRANHO DR. IVAN PIRES

mo o combate à afeta, conversão do Cruzelro em Guarani, etc. Na rua ou no bar (a segunda opção é a mais buzaísta) o negócio é pronunciar palavras, sem a preocupação quadrada de formar frases. Deve, o iniciado, em tais momentos, dar preferência ao realismo fantástico, assim como Waldick Soriano, Greta Garbo, puerpério das antílopes... Isso proporciona belíssimos lances de inteligência buzaísta. No local de trabalho a buza merece uma atenção toda especial. Ali, devido à proximidade do patrão (ferreiro não-iniciado), o iniciado cai na tentação de procurar pretextos para a prática do joguinho. Mas não deve! O subterfúgio não é a tônica do comportamento buzaísta. Quando o iniciado apresentar a possibilidade de uma partida deve sem perda de tempo, aproximarse de irmãos ou irmã e praticar. Se não houver outro iniciado em posição de jogo, a



buza-paciência pode ser praticada com Impressionante provelto: quebrar clips, desenhos flechinhos, fazer bonequinhos na máquina de escrever, pensar numa férias na Taífi ou ficar milongando com os 13 pontos da Loteria Esportiva.

Apesar de já existir desde os pré-históricos momentos, a buza encontrou sua definitiva conscientização entre os clamantes milongueiros da Terra de Santa Cruz, depois Terra de Vera Cruz, depois Brasil, que é como hoje todo mundo conhece. Aí está, portanto a tentativa de reconstituição histórica

da buza, com suas implicações filosóficas, feitas por um brasileiro que ostenta com orgulho o título de Primeiro Sequaz da Ordem do Peludo (nosso Filósofo Primeiro e Único). Daqui por diante o negócio fica por conta dos buzaístas praticantes ou simpatizantes, aos quais, sem dúvida, sobejam idéias no tocando a fazer nada. Bem feito, é claro.



Não sou eu de contar casos, ainda mais de assombração. Mas já que os azares são reigos, junto coisas ouvidas, por certo de boca santa, pra ver se melhor me explico.

Lá pelas divises de Bagé com Dom Pedrito esses casos são assuntos de não se falar em boteco, em sala de vento encanado ou perto de moça donzela.

Mas quando o guri já se afeita, carão saltando nas goelas, há sempre um pai ou tio velho pra desanovelar ástas feitas.

Pra que não se crie frouxo, trímilico das canetas, pois que ouça o acontecido: são coisas que já se deram nos tempos do velho Borges, mas que ainda assim continuam, por força do desconhecido.

Pô estranho de gôsto foi sempre um tal de Ivan Pires, de quem os casos se oontam. Segundo Dona Betinha, já nos peitos revelava a sina do mal que trazia. O leite de Dona Filhinha o danado recusava. Com dias de mal nascido unheva e tirava sangue dos peitos santos da mãe.

E que alvorôço trouxe quando foi encontrado, esse mal engatinhado, bebendo o velo vermelho duma ovelha carneada, pendurada na figueira. O sangue da lenuda que era de ir pra gamela la pro bucho do infante aparedo no caminho.

Depois as notícias dele se perderam no sumiço. Foi pra cidade grande, cursar dâstas cursos donde a gente sai doutor. Por cartas e mensageiros pedia moratilha fresca, que era o que melhor caía no apêite de refeição. Voltou logo, erado em cruzeiros, o referido Ivan Pires. Moço calado, de bonita fidelguia, vestido sempre de preto, óculos escuros usava, coisas que nunca se vira. Botou consultório com horário de revertério, negócio meio inverúdo, só atendia de noite. De dia éle estu-

dava, dizia o povinho da rua.

Mordida de jararaco, gôta má, constipação, o bruto aplicava sangue, que era a melhor ciência, enaino de livro grosso.

Depois segundo relato dum tal Wilson dos Santos, homem de muito saber, o dr. Ivan Pires tomou o caminho das europas, pra estudar em Dueseldorf. Voltou com balta diploma, miles de retratos, pra pendurar nas paredes.

Passou a usar capa preta, coisa que só doutor formado nas europas podia diá-pôr sôbre os trajes. Nas noites de ventania, o cujo da capa preta revovava pelas esquinas, e as velhas atrás dos postigos faziam pelo sinal.

Depois desse antes, houve um tempo de simpatias. Braço dado com o governo, foi égua madrinha de tudo. Quando deu revolução, fez um tal de «banco de sangue», coisa nunca falada ou conhecida. Lá vinha o dr. Ivan Pires de seringa em punho, porta em porta, com um riso de quarto-crescente cruzando o céu das bochechas. E que ninguém se negasse, que tava contra o governo. Tirava e mijava o sangue nas garrafas de quesse litro de cerveja castelhana.

As donzelas pretendentes corriam pela volta do mogo doutor solteiro. Quatro grizotas vípocas tiveram o mesmo destino. De antes coradas que eram, foram branqueando que nem veia de espermacete, até morrer de anemia.

Depois Ivan Pires sumiu. Comprou casarão abandonado, lá pelos caminhos de ponta, e rodeado de morcegos se foi ficando por lá. A notícia derradeira quem deu foi o Donga Corcundinha, que tem ofícios de sacristão. Disse que o cujo dançava lá na torre abandonada da Igreja da Matriz. Por isso as comadres velhas, em conversa de mate com rapadura, dizem que a torre da direita é moradia de Deus, e que a canhota é moradia do Capeta, só porque os sinos não têm corda, a escada é sem degraus e os ponteiros do relógio, só sabem andar pra trás.

Quando aparece ovelha morta, sangrando no baixo fochino, os maragatos dão culpa aos cães vadios ovelheiros.

Contra as más crendices correntes foi que o padre Reginaldo distribuiu por todas as casas a bendita cruz do Senhor. Alho e cebola o pessoal deu de plantar nos jardins. E que não se fale mais nessas coisas, disse o padre nas pregações. Só que a família insiste em negar que assim se pense daquele antepassado. Por isso dona Nininha, desafiando a deadita, botou no filho mais novo o mesmo nome Ivan Pires. O velho Tadeu já disse que o piá se parece ao malsinado tio, principalmente no traço que se nota quando ri: as préas caninas longas, afadas, furadas na ponta.

LUIZ DE MARTINO CORONEL — 1970

LUIZ CORONEL DO RIO GRANDE DO SUL

# QUEM VÊ CARRO VÊ CORAÇÃO

Quem vê o seu carro, bem tratado, com aquêle carinho que só Ipiranga sabe dar, conhece você por dentro. Sabe que você só quer o melhor para o que é seu.

## IPIRANGA



**I** O Rio está vazio. Nesta época do ano turistas nem daqui, nem de fora. Uma farsa. Mas o esvaziamento que eu encontro está na cuca de quem vive na metrópole. Lhoir cidade da América do Sul. São Paulo! O outro, físico, é normal. Quando julho chegar trará milhões de paulistas, gaúchos, mineiros e outros por sol, mar, flag, Zepelin, outros papos. Transas, curtidão desvariada. Quem viver verá; a crédito que serão poucos cariocas vivos até lá. A não ser que uma revolução - não uma metamorfose, uma catarse, ou seja lá o que for - aconteça para curarucas, encher.

**V**ai estrear por aqui o filme baseado no livro de um outro. Coli - mais tarado por sinal. Avisei o Onofre. Mas não se mata Cavalos, vem mesmo. Não foi desta vez que a canaúra tirou esta chance de gente. A tradução brasileira matou os cavalos. Virou A Noite dos Desvariados. Os entendidos - escola Glauber, Miguelalinho, etc. - acreditam que o filme tem tudo pra ser melhor que o livro. O momento na noite - nas noites - de dança, um programa do Chacrinha nos anos 20, em plena lei seca norte-americana. Casamento em cena, desmaios, mortes, - só faltou o bacalhau na cara. Mas eu não vi o filme, só li o livro. Quem viu e gostou peca foi o Ronaldo Boscólli, logo ele que não é de gostar do que não faz. Infelizmente, aqui, logo do Onofre, sinto-me um pobre leigo, sem a formação do mestre; o que poderia dizer? Espere! rei pela crítica do Zé em qualquer pasquim daí. Não entro mais em fria. Depois daquela do Cada um Vive Como Quer, cheguei! Só mostro o pau depois de matar a cobra, - é, pau mesmo senhoras da cidade local, pau, porrete, instrumento usado pelas policcias, bastão, cajado, etc...

**H**á um festival de filmes nacionais em Cannes, só pra brasileiro. Tá todo mundo se mandando pra lá, é tanto diretor, produtor que não vai sobrar lugar pros franceses. Só vai dar brasileiro.

**Teatro?**  
Tem a fabola no Violinista, sensacional. O osvaldo Loureiro mostrando que além de ator é um ótimo cantor. O balé argentino funciona bem, as músicas com tradução do Zevi Ghvalder provocam risos, lágrimas. Um musical pra fazer sucesso em qualquer lugar do mundo, menos no Rio. O peréio também está aqui, é um dos Repazes da Banda. Mas sobre isso ele mesmo é quem vai falar.

**S**audade dos dias de outono na província. Aqui, quando não chove faz 40°C a sombra. Um sacó! A gente anda sempre molhado, suor ou água. Uma boa notícia a para os leitores do Pato Macho: o Pasquim, nosso maior concorrente - é desleal - vai acabar. Já era, genio? Das cinzas nascerá a revista do Tasso, já pronta pra ser imprimida nas oficinas do Correio da Manhã. Já está nas bancas quando você menos esperar. Vai ser um sarro. Mieli, Boscólli, Glauber, Maciel, Cotinha um bando de gente de cuca não muito certa, era preciso. Chega de frescuras!

**A** Avenida Atlântica está pronta. O Rio cada vez mais lindo, maravilhoso. Por aqui todos os túneis têm um morro por cima, não são como aqueles tão manjados por vocês, que é falsificado, como o túnel do Butikin, ou não é mais? A Rádio Mundial toca as músicas de Continental pra que os pobres gaúchos que andam pelo Rio não sintam saudades do Judeu Westphallen.

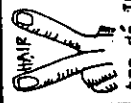
**R**ECADO PARA A ELIANA:  
ESTOU COM SAUDADES, VOLTO QUANDO O TASSO DEIXAR ACHO QUE DOMINGO, BELZONS, DESCULPA NÃO TER TELEFONADO NA HORA QUE COMBINAMOS; ONDE ESTOU NÃO TEM TELEFONE E O DO JORNAL AINDA NÃO FOI INSTALADO. TÁ TUDO BEM.

**A** curtidão da onde é Derci Gonçalves. Ela tá botando no bolso todo mundo. Até Chico Anísio já anda assustado. Um papo certo, num show anti-tudo o que se convencionou chamar de espetáculo.

**F**lávio Rangel voltou ao teatro, depois de jurar que jamais entraria numa cuca. Está faturando em cima do nome dele, associado ao Albeas. Vai longe este care.

**O** disco da Ellis saiu com a capa preta, alto contraste, badalado o Black Power, primeira música feita pelos irmãos Vale. Os meninos depois da cafonice foram iluminados. Que bom!

**P**obre Elizabeth Cardoso, acabou. O show do Canecão é uma disco, dois albums com Silvio Caldas não vale nem pela capa. Pobra da divindade, já era. Que saudades do Apêlo, Poema do Adeus, Barreção... Arlete Sales voltou para a Globo, dizem que o Daniel comovau-se com o deus bafo da moça.



**RECADO PROS EDITORES**

Vocês só vão ter que esperar mais um pouco pelo Hair. O musical Ripi está faturando alto em São Paulo, cidade que, como todo mundo sabe, não se cansa de ver coisa antiga. Até o Ivan Gago dá Ibope naquela terra.

Acho que depois do sucesso que a gente teve com os **Imãs Bobagem** deveríamos partir, em seguida, para **A Pupila do Senhor Raitos**. Negócio seguinte: nós havíamos combinado, antes de eu viajar, lançar **o Cafona**, acontece que descobrir uma Marília para pela ai não vai ser sopa. Talvez desse pé com a .... (não vou estragar o faturamento do Celente). Afinal o Cafona, aqui no Rio, onde existem milhões de Gilberto Ataídes, tá dando apêlo nas 46% de Ibope. Menos do que **Som Lúvia Exporta**, um musical quase classe A, queira ou não **Felauto e Cia**. Tenho certeza de que o texto de **Jullio Diniz**, adaptado pelo Luis Fernando Veríssimo com arte by Nilus, venderia tranquilamente mais uns 10 mil Paços. Quando eu voltar discutiremos esta idéia que acho sensacional. O sucesso é garantido afinal ...

**A**h! o mar, continua lá embaixo fazendo um barulho doído. Espumando, cheio de ondas azul ou verde, conforme o ângulo. O Botafogo já é o campeão carioca mas perdeu muito, em prestígio, para o **Lerica**, o primeiro clube Ripi do Brasil. Tá todo mundo deixando a estrela solitária. Afonsinho vencendo a batalha contra Xisto Toniate. Linha de zagueiros de barba, meio do campo com fitas apaches, calções de cetim, colares. Tá um tema brega na pró Determann divagat. É a vitória da liberdade, paz amor e outras coisas, contra o sistema fascista. Abaixo o fascismo de Daltra, Hitler, Dino Yustrich, Oto Glória.

**M**esmo sem ter nenhum grande nome do fu Tebol em seu time o Glaria, em segundo lugar, vai ganhando de todos. Nem pró Bota ele perdeu. Só quero ver a care dos cartolas na hora de incluir o pequeno da Bariri no Robertoão desse ano! O Rio faz greve se os barbudos do Afonsinho não estiverem nas hoccas. Havelage que se cuide, porque quando carioca faz greve é um negócio muito sério.

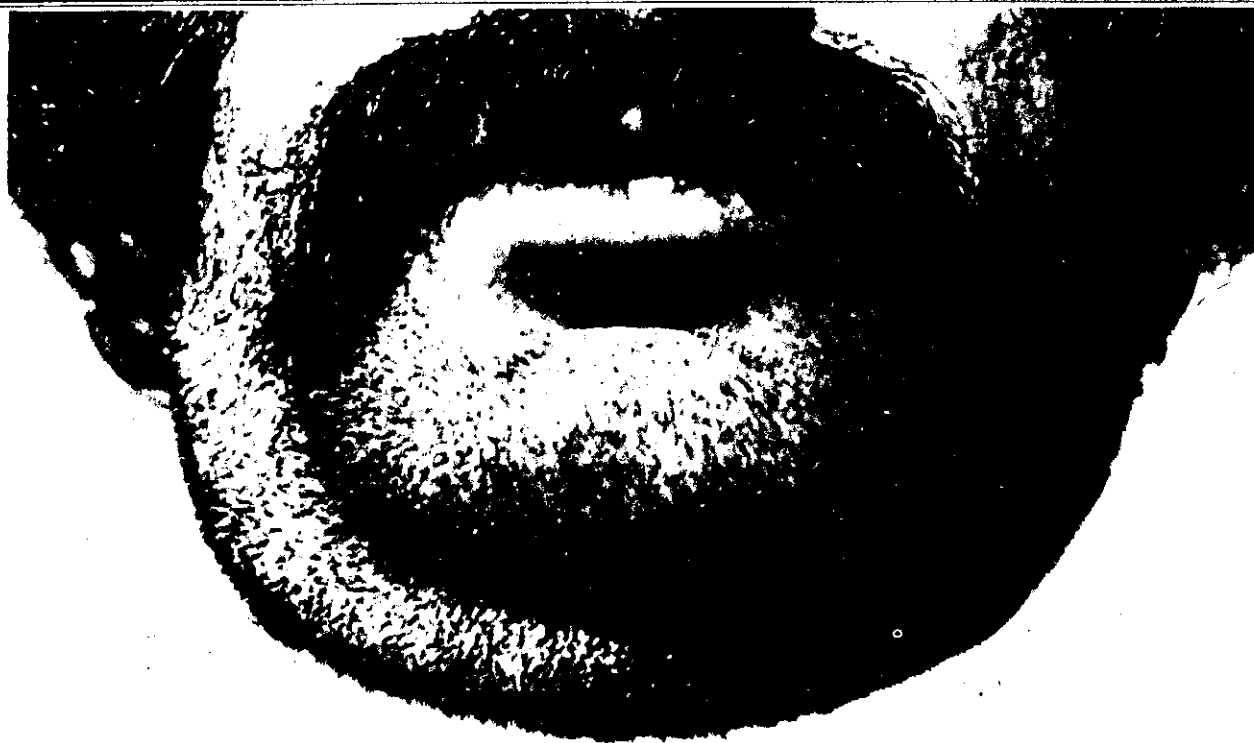
**F**ui ao Jockey ver o ti fleite, mifú, é claro, bairro provincialiano. A sorte é que o Augusto Garcia (já começou a ser malhado, também aqui) penalizado veio em meu socorro. Mandou que voltasse na segunda que ganharia todas. Ganhou mesmo. Garcia é a grande revelação da Gavaa. Está montando em quase todos os páreos, continuando assim dificilmente deixará de ser o líder da estatística no fim do ano.

**S**em Bem, assim é o Rio, com seus gaúchos maravilhosos!!!



**do RIO via telex Especial**





## O NEGÓCIO DO FUTURO É SER PERIGOSO

A crescente preocupação para com os problemas da teoria da informação tem levado alguns estudantes e arquitetos a um diletantismo maroto e ingênuo. E, a alguns equivocados. No fundo o que eles pretendem é realizar uma «obra duradoura e esteticamente estabelecidos, ora pelo mercado, válida», mas dentro dos padrões ora pela formação acadêmica ao qual somos todos submetidos (e muito poucos se livram dela); é natural, portanto, que estas preocupações se prendam à possibilidade de que, eventuais críticos, consigam «identificar» em suas obras a aplicação de algum princípio desta já badalada teoria. E com isso poderiam virar figurões da arquitetura gaúcha, ou pelo menos se sentirem mais prá frente do que seus provincianos concorrentes.

Antonio Aiello, Pedro Mohr e eu, não estamos preocupados com estes aspectos alienados desta profissão ainda meio deslocada no tempo e no espaço do século XX: uma profissão que ainda gasta suas energias colocando no mundo volumes-e-volumes de construções rígidas e fixas, e objetos variados que atulham nossos espaços vitais. Arquitetura e desenho industrial precisam tomar consciência da era em que vivemos: se a coordenação modular e a pré-fabricação foram frutos de uma corrente racionalista de pensamento (na era mecânica), e desenvolveram uma civilização material que se tornou

paulatinamente caótica e não-funcional; é necessário pensar em novo sistema móvel e mutável, onde a coordenação seja trocada pela imaginação, e a pré-fabricação rígida, por um sistema de módulos que possibilite jogos mais ricos (com resultados formais menos rígidos) de criação e utilização. Nós não estamos preocupados com projetos e construções tradicionais que fecham e compartimentam o espaço útil e que se transformam em símbolo de status social, sem significar absolutamente nada, nem para o coletivo, nem para o individual. Significar — tornar-se signo e/ou signo ficar.

Há uma arquitetura menos vulgar, cujos princípios básicos você pode encontrar no seu cotidiano: uma idéia que valoriza o espaço enquanto espaço-utilizável, e crie ambiente que se anteponha ao meio-ambiente pesado e incoerente onde vivemos. Uma idéia que Marshall Mc Luhan tem para os artistas: criadores de ambientes industriais.

**Pode-se considerar um organismo como um sistema específico, capaz de reproduzir um sistema idêntico.**

**Um organismo vivo deriva sempre de um outro organismo vivo (...)**

**A informação é que determina a vida.**

**André Lwoff.**

O que nos interessa dentro dos aspectos mais externos da teoria da informação são suas diretrizes disciplinadoras e organizadoras do pensamento analítico e crítico. No sentido obrigatório que ela nos encaminha a não mais ver coisas isoladas, mas sim sistemas e organismos; ou sejam perceber relações e estruturas. Não basta conhecer o rol de materiais e procedimentos tecnológicos para que se faça um arquiteto; nem que a formação profissional resulte do conhecimento perfeito do trinômio tradição - história - cultura. Prá s

cucuias com esta geléia específica. No Brasil, por suas características e deficiências de know how, qualquer formação profissional não deve estar sujeita aos cânones tradicionais da incompetência e da mal-formação de currículos e professores; quando não, de sua má fé velada e não-constrangida. Parodiando: o ensino é tarefa tão importante neste mundo eletrônico que não pode ficar sob a responsabilidade restrita dos professores. O ensino deve

levar em conta o manancial de informações dos alunos (que são maiores em número e qualidade, comparado aos professores) e fundamentar-se sobre premissas de imaginação-criação. Einstein: mais vale a imaginação que o conhecimento. Logo, toda elaboração, quer seja teórica ou prática, deverá estar baseada num exercício de imaginação desenfreada (é esse o termo, mesmo), seguindo-se posteriormente o processo natural de seleção — onde entrariam os dados teóricos para controle e medida de informação — não com sentido de censura ou repressão, mas com objetivo de adequar as conquistas da imaginação ao suporte tecnológico apropriado. Desenvolvendo desta forma (professores e alunos) o aprendizado dos novos sistemas/instrumentos, para que mais tarde não sejam controlados e limitados por estes mesmos mecanismos. Vide exemplo, no método antológico que as pessoas mal informadas têm dos computadores eletrônicos e do futuro que eles prometem, e até mesmo ao nível da linguagem se nota um tratamento errôneo ao designá-los por «cérebros», num fútil e inútil relacionamento com o corpo humano: para este tipo de pessoa um autômato ainda é um homem de ferro com uma lâmpada de nariz. Pois é.



**CLAUDIO FERLAUTO**  
ATAÇAYNA TAMBÉM  
PAGINA CENTRAL 13

# woodstock



A tecnologia se põe frente a um contra-senso: de uma parte é uma supertecnologia que resolve tudo (projeto Apolo), e de outra parte não é capaz de resolver satisfatoriamente os mais simples problemas do homem... é no meio destes dois pólos que nos colocamos.

R. J. Abraham.

Relativo ao ensino: todo material a ser fornecido aos alunos pela fonte de informações (o professor deveria ser uma) teriam a característica de proposições críticas e imaginárias. O conjunto de informações acriticas (e por isso inúteis) da cultura tradicional deveriam ser despejados ao lixo. Conceitos sobre beleza e estética, racionalismo da construção (que é enfim o reacionarismo da arquitetura), zoneamentos apriorísticos, «problemas» técnicos que não passem de provas de somar-multiplicar-dividir (substituir por sistemas, lógicos, construtivos, estruturais, etc.) e outros dogmas dos atuais ensinadores de arquitetura, deveriam dar lugar a uma atitude aberta em relação à concepção (de criação) de um dado novo (sistema-organismo-relação). Sem preocupações culturais e sem preconceitos acadêmicos e sufocantes. As reuniões de criação, supermercados de cérebros e idéias (aulas), deverão comprometer os alunos em todos os níveis: discussão, criação e execução, sem no entanto uma aprovação ou nota, depender de conclusões lineares condenadas aos escaninhos burocráticos inevitáveis. Exemplos: atividades e manifestações de grupo criativo, tipo APOCALIPOPÓTESE (de Rogério Duarte, Torquato Neto, Hélio Oiticica, etc.) ou das apropriações de Oiticica e Ligia Clark, ou mesmo das manifestações coletivas do



grupo Nova-Objetividade (ver Revista GAM). Não há lugar neste tipo de ensino (que visa a formação de técnicos em criação de ambientes/espacos), para exercício de expressão corporal: quem quiser recuperar os sentidos sensoriais de modo passivo, deverá deixar o curso de arquitetura e se dedicar ao curso de teatro tradicional, onde por motivos didáticos, existirá a divisão entre ação (teatral) e vida. As práticas narcisistas, sob qualquer forma, deixariam de existir em troca de uma forte atividade criadora.

## ARQUITETURA IMAGINÁRIA

Sem imaginação: se você não percebe o que possa ser a Arq/Imaginária, pense no que significam as seguintes palavras: corredor aéreo, comunicações via embatel, ponte aérea Rio-SP, cinema drive-in. Com Imaginação: «uma arquitetura que demonstrando per absurdum a inadequação dos nossos meios de controle do environment (meio ambiente) nos leva a pensar por outras vias» (Adolfo Natalini).

O mito grego de Narciso está diretamente ligado a um fato da experiência humana, como a própria palavra Narciso indica. Ela vem do grego narcosis, entorpecimento. O jovem Narciso tomou seu próprio reflexo na água por outra pessoa (...) êle se tornou servomecanismo de sua própria imagem(...) tonarase um sistema fechado.

M. McLuhan



Paolo Soleri & CLAUDIO FERLAUTO



A tendência para o surgimento de espaços e ambientes independentes de um suporte material mais rígido (concreto armado, alvenaria, aço), não é apenas um sonho teórico, mas uma realidade palpável e bem desenvolvida: o grupo Archigram estuda e aplica o plano de uma cidade instantânea (como certos produtos alimentícios, se dissolve instantaneamente); Paolo Soleri constrói nos Estados Unidos uma de suas arqueologias; os jovens americanos e ingleses criam comunidades imensas para durar três dias (Woodstock, Wight) e que são novos ambientes e novos espaços arquitetônicos. «Espaço sintético e arquitetura imaginária (arquitetura que existe somente quando é ativada por qualquer razão) tomará o lugar da arquitetura construída e permanente» (Friedrich St. Florian). Um outro exemplo: se os sistemas de transporte terrestre estão chegando a um alto nível de especialização, é sinal definitivo que êles atingiram a um ponto final de congelamento e portanto de sua extinção. E explica-se: os sistemas de comunicações estão cada vez mais sendo traduzidos para circuitos eletrônicos, assim as comunicações televisivas (TVfone, TV em quatro dimensões, transmissão de objetos e organismos vivos, etc.) irão

substituindo cada vez mais ê tipos de veiculos tradicionais, nando desta maneira, as autetas e avenidas asfaltadas, grandes parques de patinar. Quem diz isto é Buckminsterler. Relembraça: os automóveis tradicionais (combustão) e s proibidos de serem fabricados Estados Unidos a partir de 1 o desenvolvimento dos pro de veiculos espaciais antigas cionais é uma realidade. Os ( des aviões tipo Jumbo, tamb

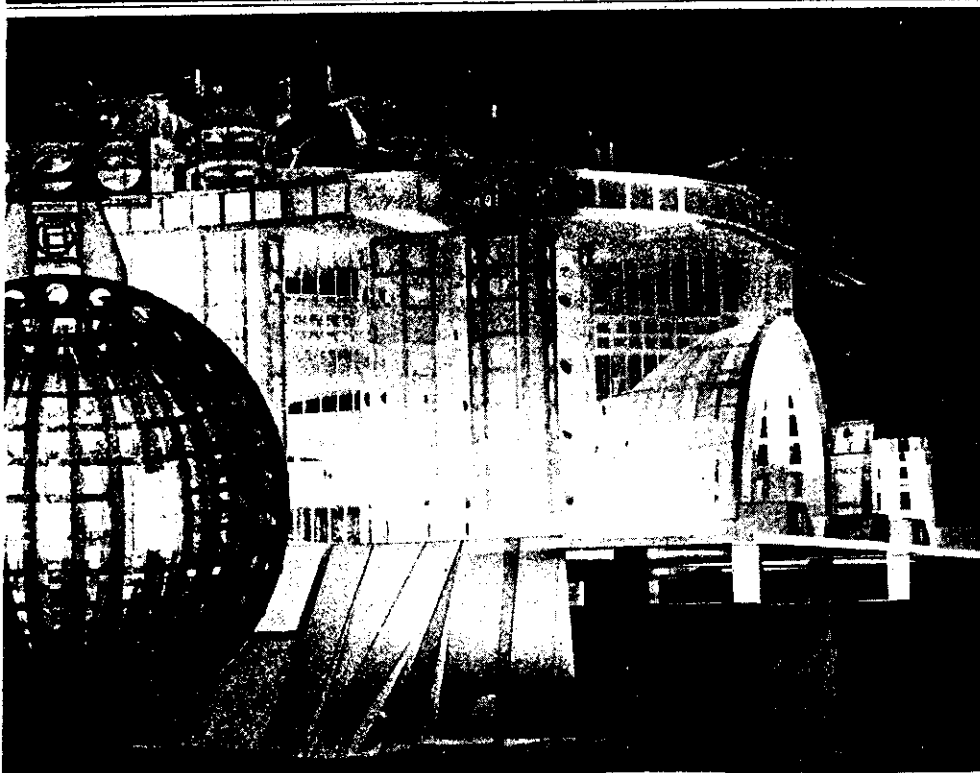


A utopia era impossível quando se pensava que só havia o suficiente para uma minoria viver em conforto. Mas a utopia é inerentemente para todos ou para ninguém. Porque a tecnologia invisível pode ser muito mais com muito menos. A utopia é agora possível pela primeira vez. A satisfação física deve preceder a metafísica. Buckminster Fuller

## FACULDADE DE ARQUITETURA

O mundo não precisa de uma ou outra idéia diferente. É preciso força e energia criativa. Mas não palavras, ações. Se acostumássemos a exigir mais imaginação haveriam melhores profissionais, melhores estudantes e melhores professores nos frustrados em reparição





# MILLÔR

Hein, como foi

## BRAINSTORM

1) A teoria da informação não ajuda a resolver projetos; mas ajuda a criar raciocínios mais lógicos e despertar a imaginação para atividades mais organizadas;

2) Arquitetura promocional, programação visual, design, são rótulos (esta mania pegajosa e provinciana dos teóricos) para enquadrar o trabalho dos profissionais do ambiente (arquitetos: criadores de ambientes e espaços); mas sempre é difícil explicar que arquiteto não é apenas um cara do bom gosto e de sensibilidade;

3) Mais vale a imaginação que o conhecimento;

4) um engarrafamento determina o nível de sensibilidade de uma cidade: pode deixá-la mais (ou menos) nervosa que naturalmente. Um dos melhores teóricos do fenômeno urbano (leitura de cabeça) é o Millor Fernandes;

5) o professor não passa de uma fonte de informação (muitos ainda não sabem o que é isto, mas aprenderão), o que não lhes impede de terem opiniões próprias. Idem e vice-versa para os alunos;

6) um computador eletrônico que morde não é um computador eletrônico. Por isso eles não nos tomarão o poder;

7) a cidade é um organismo. O organismo é a mensagem (Wiener). A cidade tem personalidade, desejos e sensibilidades.

8) o brainstorm como o supermercado de idéias não é um processo linear: não deve chegar a nenhuma conclusão;

9) pois, vem aí a civilização de módulos infláveis, estruturas leves espaciais, cerveja em lata, roupas de papel, novas formas de TV, e novos fenômenos urbanos obviamente. (CLAUDIO FERLAUTO)

ez mais estes adicionais, torna, as autopistasfaltadas, em de patinação. Jackmiaster Fulos automóveis (jetão) e estão fabricados nos partir de 1984; dos projetos als antigravidade. Os granbo, também.

blicas e na universidade. Haveriam também maiores pressões no mercado (de trabalho) e maiores ganhos na linguagem da arquitetura. E haveria mais alegria, ao contrário de agora onde a repressão acadêmica limita a imaginação, e as limitações burocráticas as ações criativas, e, finalmente, os preconceitos (dos alunos) limitam seus próprios horizontes. Agora, pensar sobre três conceitos e relacioná-los: informação nova-preconceito-criação.

## O CÂNCER

O câncer determina certas mudanças de rumo. Para o homem e para seus sistemas vitais e, pode acabar destruindo-o. Entropia, crescimento descontrolado (ou desorganizado?), informação a mais, ou informação a menos: algumas certezas e várias dúvidas. O crescimento das cidades contemporâneas tem certas semelhanças e relações com estes fatos biológicos. É um organismo sensível, como o humano, porque fundamentado sobre sistemas altamente especializados que também se interligam funcionalmente e estruturalmente, assim uma cidade tem seu sistema nervoso (comunicações), alimentação (abastecimento), etc. O que acontece, é que certo tipo de crescimento (populacional, habitacional, consumo) não encontram na organização material seus correspondentes pontos de apoio de vida e sensibilidade, uma espécie de câncer

que acaba sufocando a cidade e seus sistemas, mas que dificilmente a destruição. É preciso então implantar uma outra espécie de câncer urbano: uma organização negentrópica que se antepõe ao caos existente, dando-lhe formas e limitando sua ação. Como projeto de arquitetura conceitual, nós imaginamos um sistema construtivo modular-espacial que seria paulatinamente implantado na cidade nos locais onde fôssem derrubadas as construções antigas e tradicionalmente cúbicas: estas pequenas unidades teriam possibilidades de se articular com outras, formando agrupamentos maiores (e mais bonitos), que por sua vez se articulariam com outros núcleos de mesma complexidade e criando outra estrutura, capaz de sufocar o resto da cidade tradicional, que se manteria de pé, mas com outra característica semiológica: seriam nossos monumentos e nossas áreas ver-

suas dimensões e o crescimento estão calculados e estruturados em vários níveis de complexidade. Uma cidade que surgiria dos escombros da civilização mecânica e linear que gerou o caos material e moral em que sobrevivemos. Uma cidade de metais leves, plásticos e papel. Mutável e em movimento. Como os fins-de-semana na América do Norte: uma miniaturização da casa (carro reboque), que é carregada para um distante estacionamento de casas (campings), onde encontram a infra-estrutura instalada (água, sanitários, luz), e onde criam um espaço de arquitetura imaginária por algumas horas ou dias. Consumindo o espaço aberto, a coca-cola em lata, a tranquilidade de ter a consciência de que transformam sua civilização material, formando uma comunidade viva, capaz de, a exemplo de organismos vivos e das máquinas complexas, transformar estrutura em função, e função em estrutura.

Prótese é uma substituição de funções. (...) O emprego de máquinas automáticas é sempre uma espécie de prótese dos membros que não possuímos.

Norbert Wiener



ciente conforto.

I pode fazer OS. ala

ceder a

precisa apenas idéia diferente. energia criativa. ações. Se nos exigir mais da riam melhores horas estudan-professores: me-repartições pú-

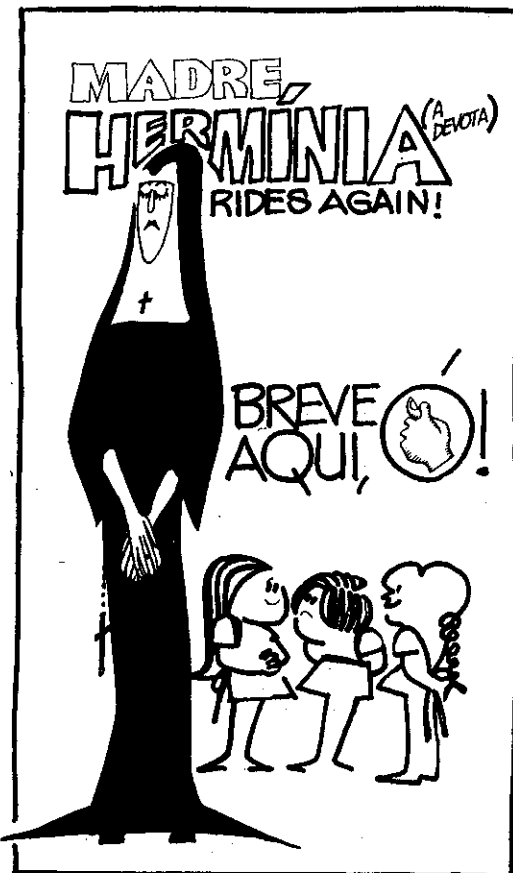
# OPINIÃO

RENATO D'ARRIGO.

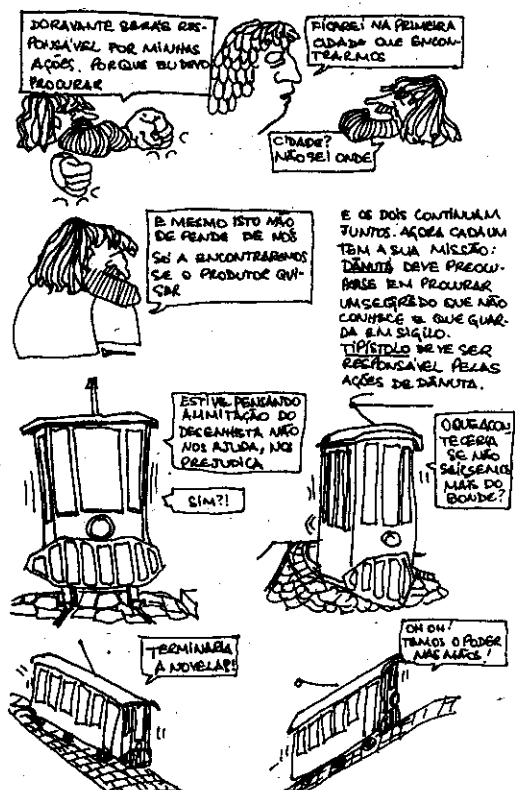
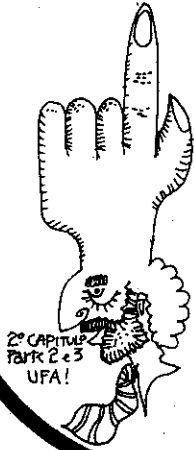
PROUST & PROUSTIANOS

O cartunista Ziraldo tocou no assunto — último Pasquim — e eu voltei a lembrar o fato. Entre as inúmeras crônicas de Rubem Braga, existe uma sobre Proust. Nela, o velho Braga invoca para si o título de maior proustiano brasileiro, porque parte de sua vivida em Paris teria habitado o apartamento que pertencera a Proust. O velho Braga levantou a lebre, assou e comeu, mas a estória é bem outra. Quem verdadeiramente pode falar sobre Proust no Brasil, são Olga e Carlos Reverbel, que efetivamente moraram no apartamento. Braga morava ao lado. Mesmo tempo, mesma época. Portanto, se algum proustiano quiser saber pequenos detalhes sobre a casa e outros babados do mestre, que dirija-se ao Carlos e à Olga. O Rubem Braga só pode dar informações vizinhas. O grande proustiano brasileiro é portanto Dom Carlos de Reverbel. O Braga atochou na crônica, inverteu os papéis. A verdade vem à luz pela mão do PATO MACHO, o justiceiro provincialino, que de resto sempre coloca as coisas nos devidos lugares, doa a quem doer.

LEONID STRELIAY



# KNOWELA LAVITA



# TRANSAS & BOMER 2

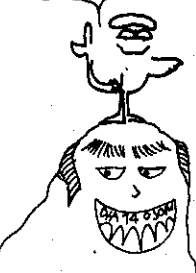
**O JORNAL**  
Como arquiteto eu diria: jornal é anteprojeto. Ebdço, talvez. Como desenhista industrial: diria: é design, concepção. Como programador visual: é layout, idéias. Isto é o que penso que é, o que não é: estrutura rígida, idéia fixa, formas sempre iguais. Matérias sempre nas mesmas páginas, como certos jornais que eu conheço. (CF).

**RECOLHIDO DO CORREIO DO POVO**

— «Li a manifestação do prof. Ernani contra o tabagismo, esse costume irracional que, cada vez mais vem sendo inculcado no povo, como se fôsse uma obrigação. A publicidade emprega as técnicas mais inescrupulosas (olha aí MPM e Standard e Studio e Símbolo, o homem tá contra tôdas), como a propaganda subliminar e as belas imagens (não falou das mulheres, pessoal!) para que mais gente se inclua entre os consumidores compulsórios do tabaco, se transformando, assim propagandistas de mais uma inutilidade.»  
Atenção pessoal, isto não é anúncio de garoto-propaganda de cigarros. Isto é uma carta recolhida no Correio do Povo da semana passada. Mas bem poderia ser do ano passado, ou do século passado. O Correio continua o mesmo, diz a bisavó da Cristina.

**VANDERLEI CUNHA**  
Ali, na esquina da Sete com a General Câmara, tem uma carrocinha modesta que vende o melhor cachorro-quente das redondezas. Está perdida na escuridão e, quando chove, desaparece com toda a sua preciosa carga. O cachorro é da passada e tem mais acompanhamento que disco do Blood, Sweat & Tears: é queijinho, é salsicha, é azeitona, é molho de ave-lãs, é isso, é aquilo, que até Deus duvida. O proprietário do pequeno estabelecimento é, certamente, um sujeito em paz com a humanidade.  
Val lá, bicho! Abre o coração. Deixa de frescuras e coma ao lado de um pobre ao menos uma vez na vida..

Tremendo SOM DIA 14 NO TEATRO CULTURAL NA REPUBLICA RIO GRANDE DO SUL



Apesar dos pesores o melhor som da noite provinciana está no Lajo's, o Cláudio esmera-se. Pena que a boate não seja lá essas coisas. Mas vale a pena ir ouvir o som da Carlos Gomes. Pelo Menos no Lajoss o som não atrapalha papos como no barulhento Butikin.  
Existe teatro na Província? Pergunta que se faz há muito tempo. O CAD criou muita gente boa, gente que hoje faz sucesso no Rio e São Paulo. Poucos ficaram por aqui. Pelo menos agora está havendo teatro no portinho. O Shakespeare no República é um sarro. Bor mesmo, montagem jovem, ao estilo Paio Macho Rádio Continental.

# ajude os outros divertindo-se



**IV FEIRA DA PROVIDÊNCIA**  
PARQUE DO MENINO DEUS 14, 15 E 16 DE MAIO

# CARANGO

Compre seu carro à vista, para pagar menos!

**Maisonnave S.A.**  
Cidade, Finanças e Investimentos  
se encarrega do crédito  
Andradas, 1432 - loja.



REVISADOS E COM GARANTIA

- Sedan 67 Vermelho
- Sedan 68 Bege
- Sedan 69, 1600 4 portas Vermelho
- Kombis 68 Azul Pastel e Verde Caribe
- Opala 2500 70 Luxo
- Opala 3800 69 Especial

**GAÚCHA CAR 24 HORAS**

Inclusivo sábados, domingos e feriados

Av. Prof. Dr. Alcides Alcides  
REVENDEDOR AUTORIZADO VW



POR APENAS 196,00 MENSAS

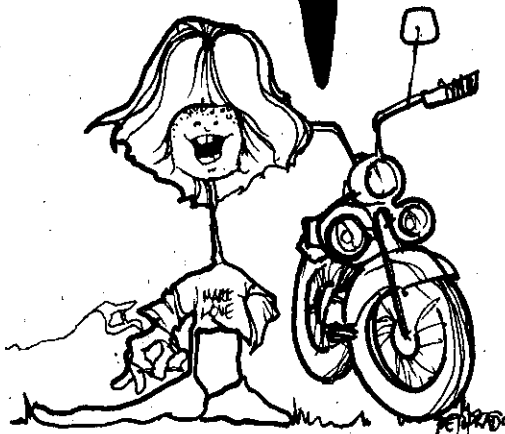
7º PLANO GAÚCHA CAR DE AUTOFINANCIAMENTO

**GAÚCHA CAR 24 HORAS**

Inclusivo sábados, domingos e feriados

Av. Prof. Dr. Alcides Alcides  
REVENDEDOR AUTORIZADO VW

Aqui, o assunto é motor Carango... no nº 6!



- Virabrequim ROLETADO
- Serviço Autorizado
- Carros PUMA



- Equipamentos esportivos
- Camping
- Serviços em fibraçãas

BLESSMANN, GUEDES

REVENDEDOR:

**Zé Guedes**  
RUA CASEMIRO DE ABREU, 917 - TEL: 22-9323

PARA VOLKSWAGEN

TUDO PELO MELHOR PREÇO  
Facilidade no pagamento sem qualquer burocracia

**UNICOM**  
PEÇAS PARA VOLKSWAGEN  
AZENHA, 591

SERVIÇO

**GUAIBACAR**  
SAO PEDRO, 494

Quem paga à vista, paga menos. Vá buscar seu crédito direto na

**Maisonnave S.A.**  
para gozar desta vantagem.  
Andradas, 1432 - loja.



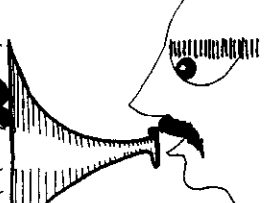
Av. João Pessoa, 511  
Fone: 23-91-71

Corcel 2P, 69	2.600
Corcel 4P, 69	2.300
Karmann-Ghia, 61	1.800
Volkswagen, 69	2.200
Volkswagen, 68	2.100
Volkswagen, 67	1.900
Volkswagen, 66	1.700
Volkswagen, 62	1.500
Sinca Rally, 66	1.400
Sinca Turbo, 65	1.200
Aero Willys, 63	1.200
D.K.W., 65	1.400
D.K.W., 63	1.300
Vemagete, 65	1.400
Vemagete, 63	1.100
Vemagete, 62	1.000
Rural Willys, 65	1.200
Rural Willys, 63	1.200
Veículos revisados. Financiamos até 36 meses, 0,25% de entrada e parcela até 189 dias.	

PEÇAS E ACESSÓRIOS

**LUCECAR**  
Rua Santos Dumont, 1079  
Fone 22-7776

PARA ANUNCIAR  
Telefona pro PATO!  
23 7850



Entrada

Volks 68, 2.300 - 36 x 431,00
Volks 68 2.000 - 36 x 384,00
Volks 67 1.800 - 36 x 345,00
Corcel 69 3.000 - 36 x 576,00
Kombi 69 2.318 - 36 x 518,50
Kombi 61 1.100 - 36 x 211,20
Gordini 65 600 - 36 x 115,00

SALDO 24 e 36 MESES

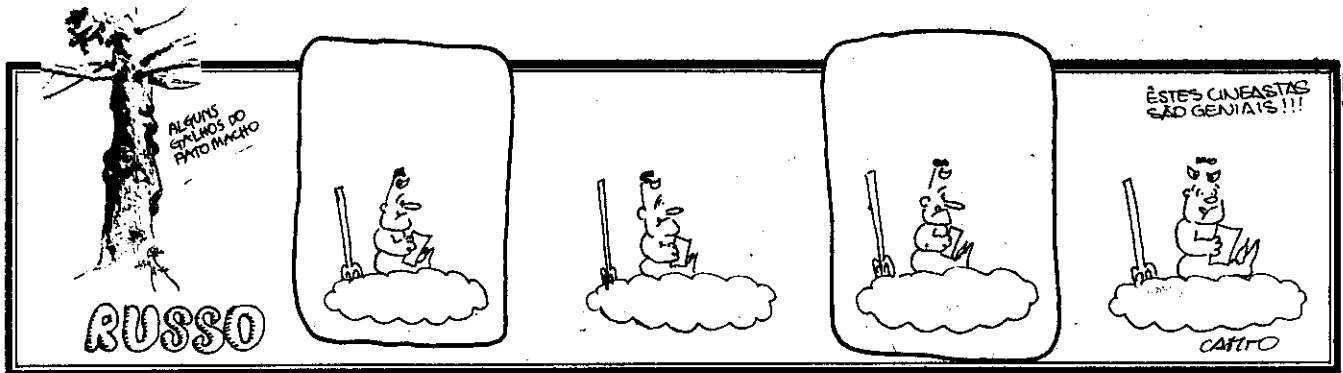
Carros revisados  
Aceitamos trocas  
7 DE SETEMBRO, 605  
Fone: 26-76-97

**DARCI AUTO**  
ANDRADAS, 724  
FONE - 25-11-53  
A CARANGA QUENTE EM 24 PAGAMENTOS

OLHA AI O TATATA!







# ISOLETE MOSTARDEIRO



Mas por que Mostardeiro? — Porque era meu ponto de fazer a vida. E Isiolete? Bem, eu não podia ser à toa com o nome que minha santa mãe me deu, meu verdadeiro nome é Lisoiete.

E como Lisoiete, ela começa a fulgurante carreira de doceira, banqueteira da sociedade porto-alegrense, enfim uma cozinheira de fômo e fogão.

Sua pequena casa, das mais modestas; espada de São Jorge plantada em penico de louça, algumas estatuetas de Getúlio Vargas com ramos de arruda, um Padre Reus na parede, daquele que a gente compra no mercado com luzinha atrás. Na cama um grande andron vermelho de doze prestações da Fábrica Nelly. A mesa palito com guardanapo de croché, e a cristaleira... lato sim era a glória. Dízias de copos com bailarinos espanhóis, tudo ganho na tambola da Feira do Divino. «Lembranças dos meus quinze anos», em forma de borboleta de papel crepom com pó dourado. Tudo isso lá na Vila Mapa.

Até o dia em que Mari Therezinha pediu uma mão para as empadas que iria fazer numa das mais heráldicas famílias de Porto Alegre. A grande mansão abriu suas portas para Isiolete Mostardeiro, embora sendo a porta dos fundos. A magnificente figura da zulu, impressionou por demais o dono da casa, afinal, gente de sociedade só pode ter servas condizentes. Mari Therezinha perdeu o empágo em detrimento de Lisoiete.

Era um tal de fazer papo de anjo e quindim para os jantares barrócos, sangria e camarões para jornalistas muito dados a coisas de Espanha, vol-au-vent e marche-aux-flambeaux para os mais deslumbrados europeicamente.

Lisoiete já podia dizer, ad astra per aspera. As famílias altissonantes já disputavam os serviços profissionais no tapa. Duas recatadíssimas senhoras ao encontrar-se sob os secadores do ca-

beleireiro, trocaram-se mútuos pontapés pelos próximos canapés de Lisoiete.

Mas o dia fatal da descoberta havia chegado.

Percebeu Lisoiete, ao sair de um vernissage na Mostardeiro uma quantidade de meninas que aceitavam carona de automóveis que passavam; pensava ela que eram as filhas da patroa, pois afinal as moças quase nunca chegavam antes das 4 de madrugada. Mas enganou-se redondamente.

Uma vez a festa adentrou mais do que se esperava Lisoiete aceitou a carona de um flamejante Fiat, pois seu ônibus, o 432 que saía da Praça dos Bombeiros, já havia partido.

O boy da direção ficou completamente baratinado pelo charme culinário de Lisoiete, fatalmente veio a cantada. Lisoiete pensou, relutou, mas afinal de contas o play não era de se pôr fora. E lá foram tomar um cafézinho no Matheus antes de se dirigirem para a Vila Mapa.

Doravante era um tal de Mercedes, Alfa Romeo e Mustangs a parar em frente da mansão da Mostardeiro que fatalmente despertou a inveja da patroa, que nada conseguira, a não ser carona de Bug. E o rompimento foi fatal.

O diálogo deveria ficar gravado em lápide no chafariz da Praça Júlio:

- Cala boca, vagabunda!
- Vagabunda é tua filha!
- Olha que chamo a polícia!
- Pode chamar, que eu mostro os contrabandos da tua butique.
- Negra bagaceiral!
- Bagaceira é tua mãe, etc. etc. etc. (Palavras inomináveis já saiam da boca das duas mulheres).

A conjuração da Sociedade foi completa.

No more quindins, no more papos d'anjos.

Mas Isiolete não perdeu o pôto da esquina. Agora ela lá mais fresca, sem cheiro de banha, sem uniforme e com grandes doses de Vivara de Pucci que ela havia ganhado da patroa no dia do aniversário.

Mas as companhias da agora Isiolete Mostardeiro não foram das melhores.

Era um tal de passar bola o passar fumo que não terminava mais. A muamba já era guardada no novo quarto de Isiolete na Santo Antônio. Fatalmente a batida na Aldeia «2», afetou a nova profissão de nossa heroína. E lá foi ela arrolada junto com os hippies para a Ipiranga. No laudo de flagrante constatou-se:

Nome Lisoiete Therezinha Pantaleão.

Cognome: Isiolete Mostardeiro.

Profissão: Cozinheira de Sociedade e Doceira de Quinze anos e Batizados.

Estatura: 1.92 com 115 kg.

Condenada a cinco anos de reclusão mais dois de medida preventiva.

E lá fomos encontrar Isiolete no Instituto Bom Pastor.

A associação das Plas Senhoras constatou algo grave, Isiolete jamais havia sido bateada. Pronunciadamente foi convidada uma das melhores famílias da cidade, mas desta vez no Menino Deus, pois na Independência, Isiolete estava completamente queimada. No glorioso domingo de Teresópolis, lá estavam, Fada Noely, a Família, o Padre e a grande bacia de água benta. Eis que surge Isiolete, heráldica como nunca, ainda tresandando a Vivara com um grande maxi herdado das antigas cozinhanças. Agora Isiolete cristã, não mais no limbo, confessando-se diuturnamente, recorta guardanapos de papel crepom para enrolar as cocadas das freiras, cuja renda sustentará os órfãos do Lar Santa Marta. Amém.

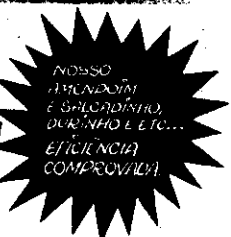


# TATATA PIVIENTEL.

## Produtos prafrontez tem a marca **FRITEX**



- CASTANHA DE CAJÚ
- BATATINHAS FRITAS
- AMENDOIM JAPONÊS
- OVINHOS DE AMENDOIM
- AMENDOIM TORRADINHO (ÔBA!)



**EM TODOS SUPERMERCADOS  
E MERCEARIAS**

DISTRIBUIDO POR:

**LOPES & LOPES Ltda.** | AV. SÃO PAULO, 961  
FONE: 22.71.60

**COMIDA**

Nº 1000

Apito de Fabrica, Cabo de Morfele, Cauby e outras enroladas mais são os pratos do Lawson, ali na Floresta. O chopp é tirado de letra. Odette Galvão.

**..O COMPLETO..**  
Carlos Nobre

— Salta um torpedal Carrega no entulho que o freguês é legal!

Os que nunca mandaram seu completo, evidentemente estão porfa que o apelido do dito é torpedos. O preço do «maracanã» prato fundo onde vem o «torpedos» é de Cr\$ 1,60, pelo menos no Restaurante Copacabana, praça Garibaldi, nº 2. O dono da casa, o italiano francesco Spina, manjado por Chico, diz pra gente qual é o raiço que compõe um torpeda honesto: 150 gramas de arroz, idem de massa, 100 gramas de carne (colchão de dentro), a mesma medida de feijão mais 150 gramas de legumes e, de lambuja, o freguês ainda pega um guizadinho de batata, pra deixar o «Maracanã» mais lotado que em dia de Fla-Flu.

Quando a cozinha do estabelecimento é bacana, no caso do Restaurante Copacabana, não há nenhum perigo do «torpeda» explodir na barriga do negro, o que não acontece com outros, cuja cozinha é fajuta às pampas. Ai é fogo. Esses restaurantes são conhecidos por «Jesus tá te chamando» porque, quando o torpeda não mata, geralmente entorta.

**SONOROS**

O disco chama-se "No Dice" ("Não Moram") e o conjunto é o Badfinger. Para quem ainda está ligado no som que os Beatles faziam lá por 1963 (tempo de "She Loves You" e "I Want to Hold Your Hand"), recomendo a faixa "No Matter What", onde há uma recriação (ou se quiserem os mais semânticos, "uma imitação") feliz daqueles vocais meio desengonçados que eram a glória da nossa adolescência. "Believe Me" é bem parecida com "Oh, Darling" e "Love Me Do" não é aquela em que vocês estão pensando, mas uma composição do próprio grupo. Aliás, tudo isso parece ser uma homenagem aos "patrões", pois o Badfinger saiu lá mesmo dos fornos da moribunda Apple. O resto é bom sem ser excepcional: vocais trabalhados, execução limpa e algum brilho, como em "I Don't Mind", "Without You" e "Better Days". O versátil Mel Evans (o que bate e bigorna em "Maxwell's Hammer") é um dos produtores do selo, cuja capa traz a foto de uma tremenda mina dividida em duas partes.

Lançamento Odeon, entregue ao Pato pelo D'Elia.

PS: O episódio melodramático do título dirige-se, sem dúvida, aos Beatles. Oh, oh, oh, oh, ho! VANDERLEI CUNHA

**GORDO PORTUGAL**  
(SOBRINHO DO APTO. VERUBA)  
**SE JUNTA COM O PATO  
E CANTA + UMA HISTÓRIA**



Fraquíssima a apresentação do grupo alemão de Jazz PIKE-KRIEGL. Músicos de grande técnica mas pouquíssima criatividade. A exceção do excelente baixo Hans Rauchtenbacher (será que é assim?) todos os outros foram pródigos em chavões. Dave Pike no vibrafone repetia os esquemas bolados por Jackson (Modern Jazz Quartet) por volta de 1960. Volker Kriegel na guitarra, segundo o Felizardo: «a mesma técnica do Cláudio Vera Cruz, só que o Cláudio é mais musical». O péssimo baterista só me fez passar todo o tempo pensando no disco do Max Roach que o meu primo carregou e nunca mais. Um chato, garante o Holst que conversou em alemão com os caras.

Tudo isso é o público que, louco por dar uma de estrangeiro, aplaudia até os «múltico obrigadous», deram mais uma razão pra Simandol. E essas caras vão sempre aparecer por aqui enquanto a caterva não for capaz de distinguir os alvos de aplausos dos de tomates e ovos podres. E depois darão entrevistas onde dirão que o público de Pôrto Alegre é ótimo e sempre os estimulou». AUGUSTO PORTUGAL

**MÚSICA**

**CASCATA**

Não, não é cascata. O disco do Paulinho da Viola está uma brasa, mora. (CF)

**MUSICAIS**

Beto Prado cantarolava no Butkin, agora é assim na provincia: não confia em ninguém com menos de 60 anos. Tai o centenário da Masson, da Sogipa, da Cia. Caldas Júnior, do estúdio do Guisba e etc.

Radiológica: quando chego a ouvir a rádio Guaíba ela me enleva tanto que imagino os Idos de 1880! O rádio provinciano alcança seus primeiros vózes: ó programação deliciosa diz minha vó, ao que meu avô retruca, muito avançada Li-li, muito avançada! (CF).

**HOMEM**

Foto/Felizardo



**AVANT**

De agora em diante, isto é, do Pato-6 as Transas estarão dando um roteiro completo do consumo da cidade de Pôrto Alegre.

Aguardem informações e comentários sobre discos, livros, mulheres, comidas, atrações do sul do mundo, etc. e opiniões.

**ENTREGAÇÕES**

**BORDEIS PROJETADOS & CIA.**

O mesmo aconteceu com a Passionária, famosa galinha ébria que coabitava conosco o bar do Urbano, ali na 24, esquina Nova York. Descobriu-se a galinha que bebia choponetes e Luís Fernando dedicou-lhe laudas e laudas. Um plebiscito foi feito, a história tomou conta da cidade e repercutiu nacionalmente. A Passionária não resistiu a cirrose, morreu como um Passarinho. Tive entãro, lágrimas e um dos velórios mais concorridos da noite pôrto-alegrense. Na semana seguinte minha vida no jornal virou um inferno. Pagava eu pelo pecado de ter descoberto a uma galinha élfica do mundo e telefonemas e cartas se sucediam. Um bar de Patrópolis conseguia um cachorro que bebia cachaça e queria promoção. Não esqueço uma figura que havia conseguido um bode que tomava vinho como gente grande e queria vender-me o aludido bicho pela bagatela de mil novos, além é claro de infernizar minha vida de jornal com as peripécias do bode sui generis. Só falta falar, diz-me o aludido senhor, só falta

**PAGA UMA CUBA?**



ta falar. Vêlo o Pato Macho, veio a reportagem da Mônica, um trabalho sério onde só os imbecis que por aqui gorjeiam poderiam vislumbrar algo mais que puro jornalismo e informação na matéria. Disse eu no decorrer do trabalho que a Mônica era a única casa projetada especialmente para bordel em toda a América Latina. Bem, cinco cartas chegaram, outras chegarão. Descobre-se assim que diversos bordéis interioranos também tiveram o mesmo planejamento arquitetônico. No-ao Interior do Estado pelo visto, está inundado de bordéis arquitetonicamente planejados, e mais, as cartas querem retrata-ção. Retrata, não retrate, chega o Carlos Nobre e encerra o assunto — «essa é uma coisa. Bar-rico é outra.»

Mesmo assim, não posso deixar de concluir que a mais velha profissão do mundo é uma das poucas coisas que funcionam como empresas por estas bandas. Sinal dos tempos. Em breve teremos fartas campanhas publicitárias apresentando e louvando a boa qualidade do material e ser consumido.

RENATO D'ARRIGO

PATO MACHO

ROSIER E O QUENTE

Com toda a pompa Rosier lança sua nova coleção. Presentes a m's Couro Sul 1971 e mais 10 metros, quatro buques e mil peripécias. A festa continua dia 18 no Barroco com ingresso pago em benefício da APAE (Associação dos Pais e Amigos dos Alunos Excepcionais). No desfile é Berroco a participação linda de Mara, Marlene, Betty, Nelcy e Nilda. As grandes manecas de portinho. Não é de se perder.

CAÇA AO PATO

Minha gente, estamos completamente alucinados com o desenrolar dos acontecimentos. Não é que dia 1º de maio foi aberta a temporada de caça. Isto um absurdo. Tem gente confundindo marreca com Pato. Espere aí minha gente. Quem quiser caçar marreca que o faça sem constrangimento. Agora pensar que só porque abriu a temporada já podem caçar o Pato, esta não. Atualmente está meio difícil caçar um pato quanto mais um Pato Macho Calma, eu dirso calma.

Odete Galvão

P/S Por via das dúvidas o Corfoi fazer uma temporada carioca. Mudança de ares.

Essa eu achei por acaso, não resati, recolhi e passei agora ao destino público. Melhor d'êste garboso sem-nário.

«Nós não somos de ferro, senhores, mas as caras nós temos duras. Afirmai serpentina e flores sobre as nossas enormes figuras».

Modéstia à parte, esse é o tipo de anúncio que estávamos precisando. Obrigado, obrigado! (VANDERLEI CUNHA)

RETRATAÇÃO

Num dos números do Pato Macho o sr... com CPF nº... foi citado desairadamente. Reconhecemos, uma injustiça gritante. Por isto no joguinho Simandol, mais exatamente no número... onde se lê... leia-se... e mais...

E a retratação minha gente. Mil desculpas.

Se mais alguma pessoa que não foi citada no Pato Macho, mas ouviu dizer que foi e quiser uma retratação pública, é só escrever para a rua José Bonifácio 595 que a retratação será feita.

A direção

IMPRESSOS

MAIS COISAS VIVAS:

Aos interessados em desenho industrial, designers, estudantes de arquitetura e engenharia (por que não?), tratem de assinar (ali na sobrelojinha da livraria Kosmos) a revista **Architectural Design A. D.** de Londres. É a única revista de design (e isto compreende também a arquitetura em geral) que está viva. Atuante. Atual. Nada destas velharias da Bauhaus ou de Ulm. Uma revista com bananas na capa, gráficamente ágil, vibrante, e informativa. Mas diferente de certos jornais que conhecemos. Vai que é quente. (CF)



MULHER

Mulher/Carlinda, a empregada, pode desagradar muitos mas é Transa. Assim não incomoda ninguém e ninguém me enche-o. A bronca fica lá em casa mesmo. Roupa suja sabe como é tanto bate até que fura. (CF)



TRANSAS

SUL DO MUNDO

POIS É

OUTROS NEGÓCIOS

Informa-se que o senador Edward Kennedy talvez inicie sua campanha para conquistar a Presidência dos Estados Unidos logo que Nixon (ufa) sair. Puxa, isso que é democracia. Lá nos Estados Unidos os senadores têm direito até de marcar a época que desejam morrer. (Carlos Nobre)

Eles andavam os dois muito escamoteados, um sempre procurando o outro, fazendo segredinhos, totalmente grilados. Agora, a revelação Sérgio Jockman e Carlos Nobre vão montar uma peça sobre a televisão. O filho até já tem nome: chama-se OTV Breve a estréia. Tomara que fiquem ricos.

EU QUERO IR EMBORA EU QUERO DAR O FORA MAS QUERO QUE VOCE VENHA COMIGO

Mas quero que você venha comigo!

Esta é Bethânia homenageando o Pato Macho, entrando na de Simandol.

Eu fui assistir ao show (desculpe o furo, Rui) prá ver a mana do Caetano. Acabei assistindo ao show de província: uma senhora (que pela cara não tava gostando muito), num ataque de «civilização» levantou-se no meio de uma música, passou na cara da MB, foi fazer xixi e voltou no meio de outra música na maior cara de pau, passou novamente na cara da MB e sentou-se. Gente final! Mais: as conversas durante o show só cessaram quando Bethânia tirou uma de superdesenvolvida e lascou WHAT IS NEW, em inglês, imitando a insuperável Billie Holliday. Depois cantou Vinícius, Tom, Chico Buarque, Caetano (Você não Entende Nada, acho que dedicado à província, e que para o Sommer era a melhor música do show), Jorge Ben (a cha-ta Mano Caetano). Rosinha de Valença faz um sensacional Aaa Branco/Luiz Gonzaga, e tocou viola por dois anos. MB só não cantou Jesus Cristo (graças a Deus!) e Apesar de você (apesar dos pesares). Mas foi muito bom. Lá no Butikin, no ano passado. Já que estou muito impressionado com esta última frase do Luis Fernando: o tempo voa! (CF)



DE UMA CRONICA DO NELSON RODRIGUES: -FAÇO MELHOR INDO PARA UM TERRENO BALDIO. VER MINHAS CABRAS VADIAS. POIS AI É QUE ESTÁ: O NELSON NÃO É DE CONFIANÇA. PRA FICAR COM CABRAS EM LUGAR NENHUM.

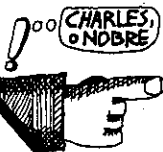
TREMENDO SOM dia 14 RIO Grande do Sul Teatro de Cultura

Pato Macho vai ficando cada vez mais internacional. Agora de Camboja, mas precisamente de Phnom-Penh, nosso correspondente de guerra Flávio Del Mese está firme cumprindo sua primeira missão. E diga-se a bem da verdade com o mais absoluto sucesso. Na gravura a princesa Norodom Buppha Devi, danceuse étoile du Corps de Ballet Royal, a primeira batalha ganha por Flávio. Uma grande e misteriosa batalha. Louros para o primeiro grande herói patomachense na Ásia longínqua.





# BEBER COMER



ALMOÇO  JANTAR

**Ratskeller**

O MELHOR CHURRASCO DO SUL DO MUNDO

ONDE VOCÊ ESTACIONA FÁCIL / CRISTOVÃO COLOMBO, 1564

*Embalsado Báltico*



Private Club  
Indepê 936



café pacheco

O CAFÉ INCREMENTADO

E PARA ANUNCIAR  
telefone pró  
237850



**TRATTORIA D'ITALIA**  
RUA ANDRADE NEVES, 115  
(Bem perto da Churrascaria Farrapos)

1º de maio, Dia Mundial do Trabalho. — Sensacional Cardápio:

**ANTÍPASTOS**

Vegetais, Tubérculos, Saladas, Mayoneses, Camarões, Míolos à Doré, Peixe Vinagrete, Tainha em Excabeche, Matambre, Língua, Rins ao Jérez, Fiambres, Pastéis de Siri, Empadas de Atum, etc. etc.

SOPA SANTA CATARINA

SUPREMA DE AVE À RUSSA

SOBREMESA — PREÇO: Cr\$ 7,50 — «PER CAPITA»

CAFE

ORIGINAL SOUVENIR

# HARRY SABUGOSA

SEMPRE AQUI  
— DO PATO 6 PRÁ DIANTE!



BOATÊ


"COMIDA É AQUI MESMO"



JOÃO PESSOA; 1269

BARTHO

SOM IMPORTADO



**CHURRASCARIA LA CABAÑA**

AV. CRISTOVÃO COLOMBO

AQUELE "CHURRA" MUITO BUDÔ

CORONEL BORDINI 155

**NEW MANSÃO**



**CANOAS**

- WAT 69
- BEUJOLAIS
- FRANGO DEFUMADO SADIA E OUTRAS ESPECIALIDADES.

**ARGUS**  
24 OUTUBRO, 13 - FONE 22.1316

**EL BICHO!**

A BOCA DO RECEBEM E NO GANEGO DE OURO



RUA ANNES DIAS, 116 - ED. 1ºV

Breve **JÁ**

**Nas Bancas**

TARSO DE CASTRO  
GLAUBER ROCHA  
LUIZ CARLOS MACIEL  
PAULO FRANCIS  
MARTHA DE ALENCAR

# Charles

o NOBRE

27

Nossos detratores disseram também que Tatata Pimentel é. A que ponto chegou a língua dessa gente, hein? Tatata não liga. Faz bem. Já foram ao ponto de dizer que o conhecido China Gorda também era.

Afinal, quem é a bicha, senhores telespectadores? Batman ou Robin?

Nos Estados Unidos a venda de bazucas pelo correio não tá mole. Então já sabem: o próximo presidente não vai ser de rifle, não.

Encontro o Rubis Hofmeister:

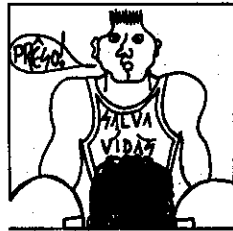
— Nobre, fui convidado para ir a Boston.

Fiquei apreensivo. É que vocês precisavam ver, como ele disse Boston.

Em resumo: o que Freud quis dizer é que o machão de hoje pode ser muito bem a bicha de amanhã.

Explica-se porque nosso jornal logo esgota nas bancas: todo mundo compra seu exemplar, lê, gosta, pede bis, vai na banca de nôvo e compra outro igualzinho.

Quem casa quer caso.



# I LOVE YOU

SAIBA RESPONDER ALTURA I.  
COMUNIQUE-SE COM O MUNDO,  
FIQUE POR DENTRO FALANDO INGLÊS.  
TURNOS. MANHÃ, TARDE E NOITE.

**INELI I**  
instituto eletrônico de línguas

Rua Professor Annes Dias, 112 8:9;10; andares. Fones-25 85 68-25 85 69

# MODA

Para anunciar nesta página, telefone para o Bicho 237850

O FRIO É TERRÍVEL VEJA O QUE COMPRAR AQUI É ESQUENTE A CUCA ALI

Aqui o assunto é Moda. Por Odette de Greicy

**CALÇAS FEITAS NA HORA**  
**ENTRE NAS CALÇAS**  
**Jim's**  
 GAL. MALCON loja 6  
 CENTRO COMERCIAL, Av. J. Pessoa 1831- loja 215

**TENDA JA' ERA**  
 da LYS desfilando nas saídas. Agora lá só de...  
 MALHAS, LAS, MOCA...  
 SINS, COURO, LONA E CALÇAS...  
 ZE PATROCÍNIO 19

a loja mais mulher do portinho  
**bier** feminina  
**andradas 1625**



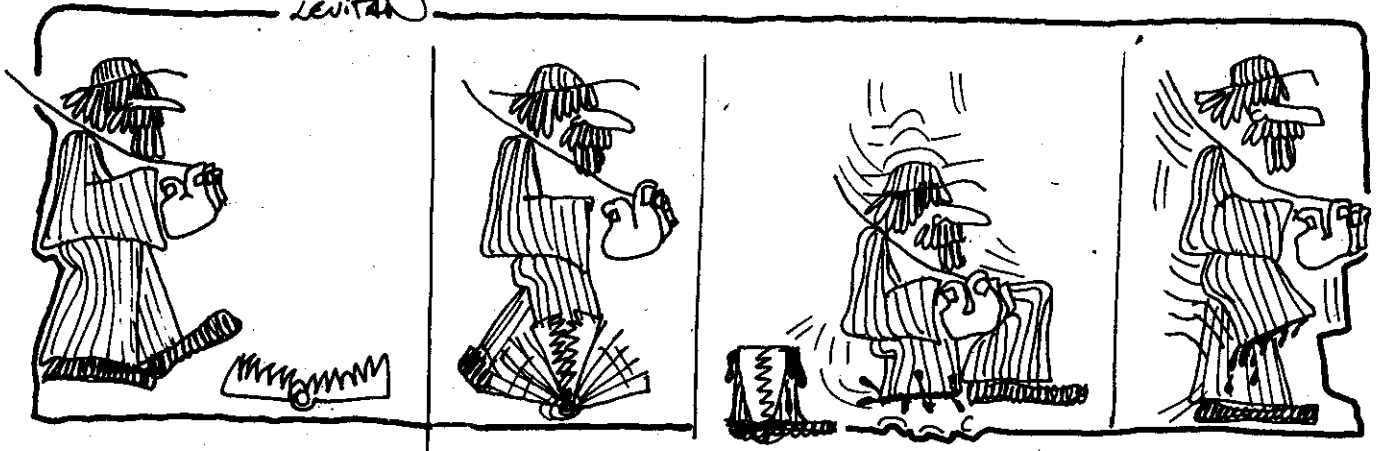
**TROIKA**  
 SALÃO DE BELEZA  
 Ar...  
 Projeção de Slides  
 Chá cafézinho (Cortesia)  
 Não fecha ao meio dia.  
 Contando agora com o Trabalho da maquiladora SILVINHA e do Cabeleireiro Vilmar  
 Rua Riachuelo 1334 - Loja 8  
 Fone 25-77-62

**237850**

É O TELEFONE PARA VOCÊ ANUNCIAR!

**INSTITUTO DE COSMÉTICA MME. LYS ESTÉTICA FEMININA**  
 Rua Marquês do Herval, 553 - Esq. Quintino Bocaiuva - Tel. 22-6443 Moínhos de Vento - Porto Alegre

LEVITAN



# CARTAS DE AMOR OUTRAS E ITC.

## POR UMA VISÃO HISTÓRICA DO PATO MACHO

Portinho, 1971. Abril 29.  
Queridos amigos do Macho Pato

**Ferlauto:**  
4 da tarde na Independência. Um opala dourado, um chofer negro e uma menina dourada no banco de trás. Ela lia o Pato e sacudia os cabelos de tanto rir. As vezes botia no ombro do motorista e contava o que estava lendo e achando graça: a disritmia do Cai, os deslumbramentos do Tatata, os verdades do Veríssimo. O negro também sorria. Que ninguém diga mais tarde que o Pato não teve a sua função social. Um abraço.

Já estou ficando famoso pois figuro nas colunas que não são quintas, do glorioso semanário da «provincia»

Quero parabenizar-lhes pelas inserções contextuais que podemos categorizar como necessárias ao êxito total.

Meu desusado fígado chega ao orgasmo com a leitura do Pato, e sou seu mais insistente comprador, exatamente quando vou «jantã» ali no Zé do Por saporte.

Quanto à notícia o meu respeito com extensões ao meu agrupado musical, quero agradecer-lhes que a mesma coincide com a verdade, porém minha realização ainda não está completa, quando lhes segredo que falta uma personalidade em meu Primo Seven, que tem a certeza brilharia mais que o lamê do casaco de Vianney Cardozo.

Imaginem-se vendo e ouvindo o meu sexteto com a graça, o veneno e a beleza do Tatata Pimentel atuando de Lady Crooner.

Seria a glória e isto Creu-ma, que por sinal, não tenho o prazer de conhecer, festejaria com raios.

Ja não exija tanto a presença do meu bom amigo Veríssimo, que daria um toque todo especial com seu dourado sax alto, e por ele muito bem manejado, e quem sabe uma hora de «saraú» com as bem interpretadas serestas do Carlinhos, o Nobre.

Basta-me a Inclusão do Pimentatata. Os ensaios podem ser marcados e por favor, que não sejam no Butekin, pois tenho certeza que os bisbilhofeiras fotografos do Pato Macho documentariam o evento, e possivelmente a Censura inapugnaría a tiragem do próximo número do Macho.

Bem, meus amiguinhos, por favor, não me queiram mal, pois eu e meu Conjunto, os queremos muito e não queremos nos privar jamais de incluir em nossas leituras de viagem, de preferência ao exterior, os sábios textos de uma das melhores coisas que nos receram nos últimos tempos aqui na Portinho dos futuros Viadutos de Telmo.

Um baíta abração meu e minha gang.  
Lhes desejo o bialadado, viajado, divulgado e tão sacrificado músico Rio Grandino, tes-capel por 50 quilômetros, que firma assim.  
JOÃO PRIMO E SEU CONJUNTO

LEARTE



Porto Alegre, 26 de abril de 1971

A Direção de «PATO MACHO» N/Capital

Li, na edição Nº 2, de «Pato Macho», uma reportagem sobre a Mônica, onde consta a referência de ser a casa da mesma a única projetada especialmente para bordel, na América Latina.

Quero, com o presente, dizer que não é a única. Em Uruguai, ano, existe, o «cabaret» da Florzinha, que foi projetado e construído especificamente para o mesma finalidade.

Tam, até, uma peculiaridade muito original: defronte à casa, havia um coqueiro, que a Florzinha desejava manter. O arquiteto, Dr. Moacyr Martins, projetou, então, uma «marquise», fazendo o coqueiro passar entre a mesma. Ficou, assim, com o coqueiro atravessando um «buraco», uma espécie de homenagem à cópula... Está lá para quem quiser ver.

Também em Uruguai, dentro do mesmo tema, há o célebre «quarto» do Ivo ponto obrigatório de visita para quem for àquela cidade, pela sua extravagante originalidade. Merece uma reportagem, tanto mais que o Ivo, sem dúvida, é uma tradição na Fronteira. UM URUGUAIAENSE (QUE NÃO É O BEHEREGARAY)



### NO PRÓXIMO: manifestação pacífica contra o PATO

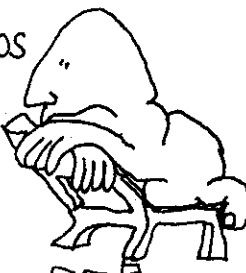
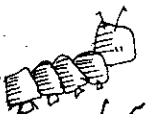
### CRÍTICOS DE CINEMA VERSUS ANTICRÍTICOS



### BIER BOY E VANDERLEI



### DÃO O SERVIÇO MUSICAL DA PROVÍNCIA



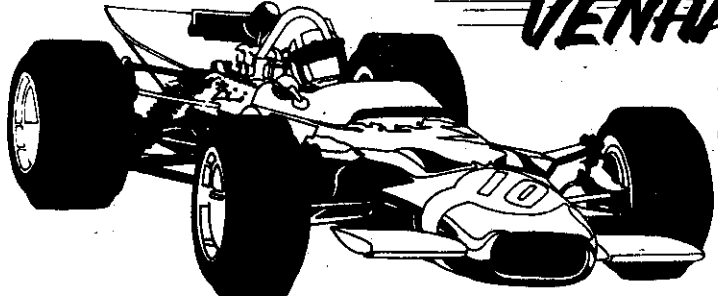
### COI



### REVELAÇÕES DO RIO (ELE AINDA NÃO VOLTOU)

### VOLTA DE ODETTE DE CRÉCY

## VENHA CORRENDO



- POSTERS DE CARANGOS COLORIDOS
- DECALCO DE ESCUDERIAS (LOTUS-DAYTONA-PORSCHE-BINO)

### TUDO SURER "DA PESADA"

### OFERTA: POSTERS A CR\$ 7,00

JOSÉ BONIFÁCIO, 595-AQUI NA BOCA DO PATO



# A PATADA

PATO MACHO N.º 5, 12 de MAIO de 1971

PATO MACHO - C-8-1,00

# PATOMACHO MUSICAL



rock &  
roll &